A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • FEVEREIRO DE 1997

A LIAHONA

FEVEREIRO DE 1997

Nas capas:
Os componentes do Batalhão Mórmon tiveram de deixar seus entes queridos para trás, exatamente no momento em que os santos iniciavam seu êxodo de 2.000 quilômetros de Iowa para as Montanhas Rochosas. Um dos soldados do Batalhão escreveu: "Estava disposto a deixar para trás meus amigos e alistar-me conforme aconselhado, apesar de minha mulher não ter casa ou barraca, nem coisa alguma além de parcas provisões, 3 dólares e uma vaca". [Franklin Alfred Golder, Thomas A. Bailey e J. Lyman Smith. *The March of the Mormon Battalion from Council Bluffs to California: Taken from the Journal of Henry Standage* (A Marcha do Batalhão Mórmon de Council Bluffs para a Califórnia: Extraído do Diário de Henry Standage), [1928], pp. 138–139. A citação da última capa provém de "Autobiography of Louisa Barnes Pratt", *Heart Throbs of the West* (Autobiografia de Louisa Barnes Pratt, O Bater do Coração do Oeste), compilado por Kate B. Carter [1947], pp. 235–236.) (Fotografia da capa de Welden Andersen. Ver "Um Legado de Fé", p. 32.)

Capa da *Seção Infantil*:
Heróis: Como José dos Tempos Antigos, 1996, de Liz Lemon.
Quando a artista estava tirando as fotografias do modelo representando Joseph Smith, um garotinho seguia o modelo por toda a parte, fazendo o que ele fazia. Joseph Smith deu um exemplo de coragem e fé que todos podemos imitar.

ARTIGOS

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "O QUE DEUS REALIZOU POR INTERMÉDIO DE SEU SERVO JOSEPH!"
PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY 2

GRANDES MUDANÇAS NA MONGÓLIA MARY NIELSEN COOK 10

FÉ A CADA PASSO ELDER ROBERT L. BACKMAN 14

HINO: FÉ A CADA PASSO K. NEWELL DAYLEY 22

RECURSOS PARA NOVOS PROFESSORES
PATRICIA P. PINEGAR 28

NOSSAS PROVAÇÕES TÊM UM PROPÓSITO
EDIMAR BOTELHO SUPERTI 30

UM LEGADO DE FÉ R. VAL JOHNSON 32

NÃO TEM SEGREDO — COMPARTILHE AS BOAS NOVAS!
MARISA WHITTAKER HUMPHREY 44

"UM ENCONTRO MUITO ALEGRE"
JUAN ALDO LEONE 48

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

UMA VIAGEM AO TEMPLO JULIA HARDEL 8

PERGUNTAS E RESPOSTAS: COMO POSSO IMPEDIR QUE PALAVRÕES ME VENHAM À MENTE? 25

ADOLESCENTES DE AITUTAKE
MARJORIE HUMPHREYS E JEANETTE WAITE BENNETT 46

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: PROCURAR (. . .) OS MELHORES DONS
PRESIDÊNCIA GERAL DA SOCIEDADE DE SOCORRO 24

SEÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: JESUS CRISTO ABENÇOA AS CRIANÇAS 2

DE UM AMIGO PARA OUTRO: ÉLDER AUGUSTO A. LIM 4

FICÇÃO: AS PROMESSAS DE NATÁLIA JAMIE MACOMBER 6

SÓ PARA DIVERTIR 9

ESTUDANDO: O TESOURO DE CUMORA SHERRIE JOHNSON 10

CAIXA DE LEMBRANÇAS DO DIA DO SENHOR
PAULA J. LEWIS 13

TEMPO DE COMPARTILHAR: MEUS PADRÕES DO EVANGELHO KAREN ASHTON 14

FEVEREIRO DE 1997, Vol. 21, nº 2
A LIAHONA, 97982 059 – São Paulo – Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring

Editor: Jack H. Goaslind

Consultores: L. Lionel Kendrick e Wm. Rolfe Kerr

Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Equipe Editorial:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editores Adjuntos: David Mitchell, DeAnne Walker
Assistente Editorial: Jenifer Greenwood
Coordenadora Editorial e de Produção: MaryAnn Martindale
Assistente de Publicação: Beth Dayley

Equipe de Diagramação:
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Diagramação: Sharri Cook
Diretora de Produção: Jane Ann Peters
Produção: Reginald J. Christensen, Denise Kirby, Matthew H. Maxwell

Equipe de Assinaturas:
Diretor: Kay W. Briggs
Diretor de Distribuição: Kris Christensen
Gerentes: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica. Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)
Tradução. Reynaldo J. Pagura
Notícias Locais: Antônio Fernandes Macedo
Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

ASSINATURAS: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada a:

Departamento de Assinaturas de A Liahona
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **R$ 15,00.**
Preço por exemplar em nossa agência: **R$ 1,50.**
Para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual 1.300$00. Para o exterior: exemplar avulso: US$3.00. Assinatura: US$30.00
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. A edição brasileira de "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazines" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são publicadas mensalmente em chinês, dinamarquês, holandês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco, e tonganês; seis vezes por ano em indonésio e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, checo, húngaro, islandês e russo. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 – Brás – São Paulo – SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 818-0433.

The A LIAHONA (ISSN 1044-3428) is published by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Periodicals postage paid at Salt Lake City, Utah 84150. Subscription price $9.00 per year. Sixty day's notice required for change of address.
Included address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, Utah 84126-0368, USA. Subscription helpline telephone number: 1-800-453-3860. Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, Utah 84126-0368, USA.

COMENTÁRIOS

LEVANDO A *LIAHONA* A TODOS OS LARES

Algum tempo atrás, a *Liahona* (espanhol) apresentou em suas páginas uma carta descrevendo meu retorno à Igreja e contando que as reuniões de nosso ramo estavam sendo realizadas num grande abrigo em minha propriedade. No devido tempo, nosso ramo alugou uma casa e, este ano, alugamos outra maior. Recentemente, adquirimos um terreno para a capela.

Sou a representante da revista no ramo e minha meta é levar a *Liahona* (espanhol) a todos os lares. Quando lemos essa revista, somos fortalecidos e encontramos respostas para vários problemas. As mensagens da Primeira Presidência são particularmente encorajadoras nestes tempos de tribulação.

Virginia de Laurino
Ramo Gobernador Gálvez
Estaca Rosário Argentina

SESSENTA ANOS DE LUZ

Este ano, a edição norueguesa, *Lys over Norge*, comemora seu 60º aniversário. Ela foi iniciada em 1937 e nós, santos noruegueses, na época ficamos muito orgulhosos por termos uma revista em nossa língua.

No começo, ela era um pequeno boletim quinzenal de doze páginas, publicado pela missão, que nós líamos e relíamos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, tornou-se um periódico mensal e, para nós que vivíamos no norte, ela representava a única ligação com a sede da Igreja.

Mais tarde, a revista norueguesa passou a contar com os mesmos artigos interessantes de todas as revistas internacionais da Igreja. Há dez anos tenho o prazer de redigir a seção de Notícias Locais, *Kirkenytt*.

Tenho comigo todos os exemplares desde 1937. Posso folheá-los e ler a respeito de vários membros e missionários que passaram pela Noruega. Somos gratos por ter uma revista em nossa língua. Ela é verdadeiramente uma luz que nos ajuda a ser fiéis aos convênios que fizemos com o Pai Celestial.

Asmund H. Hernes
Ala Oslo II
Estaca Oslo Noruega

SERVINDO E CRESCENDO

Após meu batismo em 1994, eu disse ao Pai Celestial que desejava ser-Lhe útil e que eu serviria em nosso ramo da melhor forma possível. Em 1995, fui chamado como presidente do ramo.

Meus primeiros meses nesse cargo foram particularmente complicados. Às vezes minhas tarefas são difíceis e enfrento dificuldades. Isso aconteceu especialmente em meus primeiros meses no cargo, mas quando me ajoelho e oro ao Pai Celestial, Ele nunca me nega Sua ajuda.

Michele Bartoli
Ramo Lecce
Missão Itália Catania

UMA GRANDE AJUDA

Muitíssimo obrigado pelo artigo "Deixar Tais Coisas de Lado" (setembro de 1995). Ele ajudou-me a ser um exemplo melhor em minha nova escola, onde sou um dos poucos membros da Igreja. Comecei a ler as escrituras e a orar mais freqüentemente e descobri que a oração e o estudo das escrituras são uma grande ajuda na vida.

Nome não divulgado

"O que Deus Realizou por Intermédio de Seu Servo Joseph!"

Presidente Gordon B. Hinckley

A letra do grandioso hino de William W. Phelps sempre me comove: "Hoje ao profeta rendamos louvores, foi ordenado por Cristo Jesus para trazer a verdade aos homens, para aos povos trazer nova luz" ("Hoje, ao Profeta Louvemos", Hinos nº 14).

A vida e o ministério do Profeta Joseph Smith são realmente a essência de coisas grandiosas e eventos notáveis, tendo criado, para a humanidade, um legado que não pára de crescer. Ele foi o servo do Senhor escolhido nestes últimos dias para renovar o testemunho sobre o Cristo ressuscitado.

A um mundo atingido pela dúvida sobre a realidade da Ressurreição, Joseph Smith testificou inequivocamente a respeito do Cristo vivo, ressuscitado. Esse testemunho foi prestado de muitas formas e em diferentes situações.

Primeiramente, ele falou sobre a experiência de sua incomparável visão do Pai e do Filho, a Quem viu e ouviu. Eles eram personagens distintos, que tinham forma e substância, corpo e voz. Falaram com ele como um homem fala a outro. (Ver Êxodo 33:11.)

Joseph Smith falou sobre a experiência de sua incomparável visão do Pai e do Filho, a Quem viu e ouviu.

Tenho tentado imaginar aquele 6 de abril de 1830, dia em que a Igreja foi organizada. Da casa simples de madeira da família Whitmer, a igreja iria crescer num ritmo constante, tornando-se uma organização mundial com milhões de membros.

Em segundo lugar, como o instrumento para trazer à luz o Livro de Mórmon, Joseph Smith prestou testemunho do Salvador a todos os que o leram ou que ainda o lerão. Sua mensagem, repetidas muitas e muitas vezes, é um testemunho sobre o Messias prometido, que veio à Terra e deu a vida pelos pecados de toda a humanidade, e que Se ergueu triunfalmente da sepultura como "as primícias dos que dormem". (I Coríntios 15:20)

Em terceiro lugar, Joseph Smith prestou testemunho do Senhor vivo por meio da Igreja que leva o nome de Jesus Cristo. Espera-se que seus membros, por preceito e por exemplo, testifiquem Daquele em cujo nome se reúnem e servem.

Em quarto lugar, Joseph Smith testificou sobre o Senhor ressuscitado quando, pelo poder de seu ofício profético, proferiu estas notáveis palavras:

"E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram Dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos Dele: que Ele vive!

Pois vimo-Lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que Ele é o Unigênito do Pai —

Que por Ele, por meio Dele, e Dele, são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus." (D&C 76:22–24)

Finalmente, ele selou esse testemunho com o próprio sangue, morrendo como mártir das verdades que afirmara a respeito do Redentor do mundo, em cujo nome ele exerceu o ministério.

O Profeta Joseph Smith foi uma testemunha preeminente do Cristo vivo.

O SURGIMENTO DA IGREJA

Tenho tentado imaginar aquele 6 de abril de 1830, dia em que a Igreja foi organizada. As poucas pessoas que acreditavam na missão de Joseph reuniram-se naquele dia, mencionado na revelação divina como "sendo mil oitocentos e trinta anos depois da vinda de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo na carne". (D&C 20:1)

Fico imaginando se alguém daquele grupo, além de Joseph Smith, que recebera a visão profética, tinha idéia da grandiosidade do que estavam iniciando. De uma área rural em Fayette, Estado de Nova York, da casa simples de madeira da família Whitmer, a igreja iria crescer num ritmo constante, tornando-se uma organização mundial com milhões de membros.

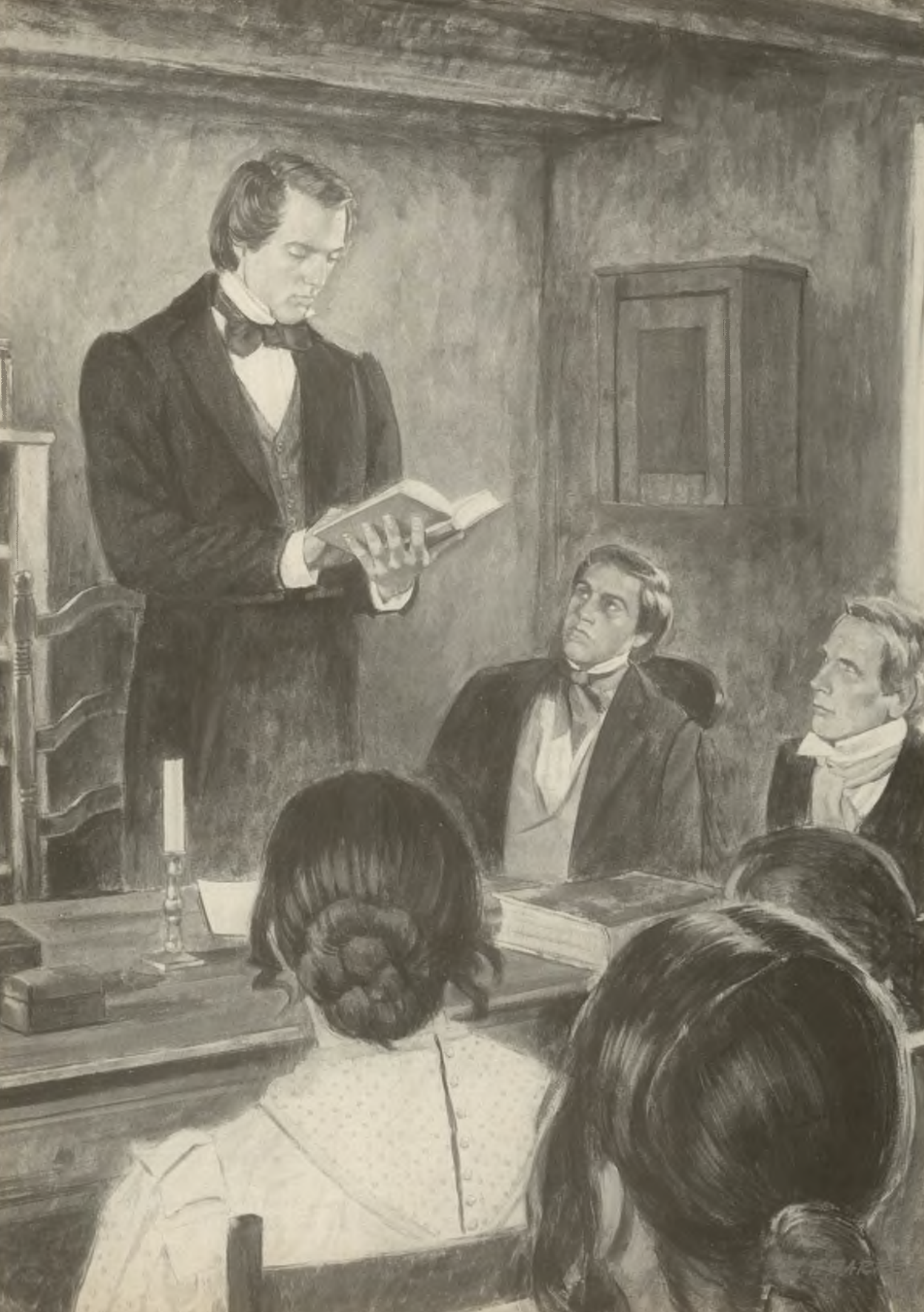
Quando pensamos no crescimento da Igreja desde aquela época, nossa mente volta-se para os episódios daquele movimento épico e doloroso que, partindo da zona rural de Nova York, seguiu para o vale do Grande Lago Salgado e, dali, para as nações do mundo.

Após a organização da Igreja, a perseguição logo começou a mostrar suas garras. Os santos decidiram mudar-se para Kirtland, no Estado de Ohio.

Lá, construíram seu belo templo, e, na oração dedicatória, o jovem profeta invocou os poderes do céu para que a Igreja "[saísse] do deserto da escuridão e [brilhasse] linda como a lua, clara como o sol e terrível como um exército com estandartes". (D&C 109:73) Mas o cumprimento daquela oração não se deu rapidamente. A paz de Kirtland foi destruída por insultos, problemas financeiros e ataques a seu líder, que chegou a ser coberto de piche e penas.

No Estado de Missouri eles construíram outro centro, que deveria ter sido Sião. Esse sonho foi arruinado por tiros de rifle, incêndio de casas, gritos das turbas durante a noite e a ordem ilegal de expulsão, tudo isso seguido da marcha dolorosa através das terras que margeiam do Mississipi e da travessia do rio rumo a um abrigo temporário em Illinois.

O profeta não empreendeu essa jornada com os exilados. No final de 1838 e início de 1839, num inverno



Joseph Smith foi o servo ordenado por Deus, suscitado para tornar-se o grande profeta desta dispensação — "vidente, tradutor, profeta, apóstolo de Jesus Cristo".

rigoroso, ficou preso na cela fria do porão de uma cadeia de Missouri, vítima de uma acusação falsa.

Privado de tudo, sozinho e carente, ele clamou: "Ó Deus, onde estás?" (D&C 121:1)

PROFECIA CUMPRIDA

Na resposta revelada a essa oração, lemos estas extraordinárias palavras de profecia: "Os confins da terra inquirirão pelo teu nome, e tolos zombarão de ti, e o inferno contra ti se enfurecerá;

Enquanto os puros de coração, e os sábios, e os nobres, e os virtuosos procurarão conselho, e autoridade, e bênção de tua mão continuamente". (D&C 122:1–2)

Meus irmãos e irmãs, todos nós, que fazemos parte deste grandioso reino, estabelecido entre as nações da Terra, também fazemos parte do cumprimento dessa profecia, assim como a própria instituição da Igreja.

Joseph Smith nunca viu a época da qual participamos, a não ser em visão. Ele morreu naquele quente e abafado 27 de junho de 1844, em Carthage, Illinois.

O Élder John Taylor, que estava com ele na ocasião, resumiu sua obra nestas palavras: "Joseph Smith, o Profeta e Vidente do Senhor, com exceção só de Jesus, fez mais pela salvação dos homens neste mundo do que qualquer outro homem que jamais viveu nele. (. . .) Viveu grande e morreu grande aos olhos de Deus e de seu povo". (D&C 135:3)

Agora, 167 anos após a organização da Igreja, inclinamo-nos a exclamar: "O que Deus realizou por intermédio de Seu servo Joseph!"

Presto-lhes meu testemunho dele. Ele foi o servo ordenado por Deus, esse Joseph, suscitado para tornar-se o grande profeta desta dispensação — "vidente, tradutor, profeta, apóstolo de Jesus Cristo". (D&C 21:1) A esse testemunho acrescento outro, de que os membros da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze Apóstolos são os que possuem hoje todas as chaves do sacerdócio conferidas a Joseph Smith, estando a administração dessas chaves nas mãos do sucessor legal de Joseph, o Presidente da Igreja.

A Igreja organizada há 167 anos é descrita pelo Senhor como "a única igreja verdadeira e viva sobre a face de toda a Terra, com a qual Eu, o Senhor, Me deleito, falando à igreja coletiva e não individualmente". (D&C 1:30) Sua história tem sido heróica. Ela hoje é um baluarte, uma âncora segura em meio à insegurança deste mundo. Seu futuro está assegurado como igreja e reino de Deus.

Que vivamos seus ensinamentos e trabalhemos para cumprir os propósitos do Senhor ao procurarmos, cada um de nós, pautar nossa vida por seu cabeça verdadeiro e vivo, o Senhor Jesus Cristo. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. O Profeta Joseph Smith foi o servo do Senhor escolhido nestes últimos dias para renovar o testemunho sobre o Cristo ressuscitado.

2. O testemunho dele foi expresso de várias formas:

— Falou sobre sua inigualável visão do Pai e do Filho.

— Foi o instrumento para a revelação do Livro de Mórmon, uma nova testemunha de Cristo.

— Prestou testemunho do Senhor vivo, estabelecendo a igreja que traz o nome de Jesus Cristo.

— Testificou a respeito do Senhor nas muitas revelações do Senhor que registrou.

— Selou sua missão com a própria vida, morrendo como mártir pela verdade que testificou.

3. Todos nós, que fazemos parte desta grandiosa igreja dos últimos dias, somos um cumprimento da profecia feita a Joseph Smith de que "os confins da Terra [inquiririam] pelo [seu] nome". (D&C 122:1)

UMA VIAGEM AO TEMPLO

Julia Hardel

FOTOGRAFIA DOS MEMBROS POR CORTESIA DE JULIA HARDEL

Tive recentemente a oportunidade de viajar com mais de 100 outros jovens da Estaca Hamburgo Alemanha para o Templo de Frankfurt Alemanha a fim de fazer batismos pelos mortos e de participar de uma conferência de jovens. Talvez devido a eu ter só treze anos e esperar demais, a viagem não começou exatamente como eu imaginava.

Ficamos hospedados num albergue para jovens em Bad Homburg. O albergue é um prédio muito velho, com quartos mal iluminados e mobiliário antigo. Dava a impressão que os cavaleiros medievais haviam dormido naquelas camas. Alguns dos jovens de nosso grupo, esperando o mesmo conforto que têm em casa, ficaram decepcionados com a primeira impressão que tiveram e queriam voltar para casa.

Os líderes tentaram encorajar-nos, lembrando-nos que estávamos ali para servir as pessoas que haviam vivido nesta Terra antes de nós — pessoas essas que estavam esperando que fôssemos batizados por elas no templo.

As coisas melhoraram quando começamos a participar das atividades da conferência. Todas as manhãs fazíamos um devocional, onde muitas de nossas perguntas pessoais eram respondidas. Numa noite tivemos um serão com o Élder Dieter F. Uchtdorf, dos Setenta, membro da nossa Presidência de Área, que nos encorajou a escrever nossas metas para o ano seguinte. Colocamos os papéis em envelopes e os endereçamos a nós mesmos e, dentro de um ano, receberemos as cartas. Já estou me esforçando para atingir minhas metas.

Durante o restante da viagem, não escutei mais ninguém dizer que queria voltar para casa. Enquanto nos tornávamos mais e mais unos em nosso propósito, o ambiente que nos cercava e as atividades programadas para nossa diversão tornavam-se menos importantes. Por exemplo: havíamos programado um baile para uma das noites, mas perdi o interesse por ele.

Eu sentia freqüentemente que muitos de nós estávamos participando dessa excursão ao templo com sede de experiências espirituais. Muitos tivemos essa sede saciada pelo que experimentamos no templo. Derramamos lágrimas de gratidão e tornamo-nos mais amigos. Jamais me sentira tão próxima do Pai Celestial como no batistério. Como será maravilhoso o dia em que eu for ao templo para receber minha própria investidura e puder entrar na sala celestial! Não sei quando isso acontecerá, mas já aguardo esse momento com ansiedade. Agora sei que desejo voltar com freqüência à casa do Senhor.

Alguns de meus amigos que foram à conferência não se haviam preparado para entrarem no templo. Logo perceberam que, da próxima vez, não querem apenas participar das atividades; querem poder entrar no templo.

Em nossa reunião final de testemunhos, sentimos o espírito de união. Todas as reuniões de testemunhos em que nós jovens estamos juntos são maravilhosas, mas essa teve algo de especial. Alguns de nós falamos do que sentimos ao irmos ao templo; falaram também outros jovens que desejam voltar para a Igreja, outros ainda que desejam reconciliar-se com a família ou aproximar-se do Pai Celestial.

Na conferência dos jovens e no templo, sentimos o Espírito Santo. Quando voltamos para casa, levamos conosco muitas lembranças — não de nossas acomodações sem conforto, mas do Espírito que sentimos no coração. □

Julia Hardel, *à esquerda*, estava entre os 100 jovens que foram ao Templo de Frankfurt Alemanha para fazerem batismos pelos mortos e participarem de uma conferência de jovens.

MONGÓLIA

FÉ A CADA PASSO
1847 – 1997

GRANDES MUDANÇAS NA MONGÓLIA

Mary Nielsen Cook

Pense no termo *pioneiros mórmons*. O que lhe vem à mente? Com certeza, a imagem de santos dos últimos dias do século XIX, puxando carrinhos de mão pelas planícies poeirentas e por sobre montanhas cobertas de neve, tentando chegar a seu novo lar em Utah.

O pioneirismo, porém, não se restringe aos Estados Unidos do século XIX. Hoje, em todas as partes do mundo, os santos dos últimos dias estão abrindo caminho para o estabelecimento da Igreja em seus países. Alguns desses novos locais podem surpreendê-los — a Mongólia, por exemplo.

Para muitas pessoas, o nome *Mongólia* traz à mente imagens de Gêngis Khan e de seus bravos guerreiros galopando pelas estepes. Limitada ao norte pela Sibéria e ao sul pela China, a Mongólia já enfrentou muitas guerras com os vizinhos. Os mongóis de hoje procuram conquistar paz e prosperidade para seu país, que está passando por mudanças sociais, econômicas e políticas. Não menos importantes são as transformações pelas quais passam os humildes mongóis que buscam a verdade; eles estão experimentando uma "poderosa mudança [em seu] coração" (Alma 5:14) ao conhecerem o evangelho de Jesus Cristo.

A Mongólia está no meio de uma transição do socialismo para a economia de mercado. Outrora sede do maior império territorial da história, a Mongólia foi subseqüentemente dominada pela China por quase três séculos e, depois, tornou-se o primeiro satélite da Rússia soviética em

FOTOGRAFIA DE MARY NIELSEN COOK

Acima: **Presidente Tsendkhuu Bat-Ulzii do Ramo de Ulaanbaatar Tuul com sua mulher, Monkzaya, e sua filha Muren.**

1922. Com a dissolução da União Soviética, a Mongólia estabeleceu um sistema de governo multipartidário e promulgou uma constituição democrática em 1990. As mudanças são mais evidentes nas grandes cidades, onde moram muitos dos 2.300.000 habitantes do país. Outros mongóis moram principalmente em fazendas de criação de gado ou são nômades que cuidam de ovelhas, cabras, iaques, camelos, cavalos e vacas nas campinas. O idioma oficial é o mongol, e as principais religiões incluem o lamaísmo e o xamanismo.

Logo após o encontro que o Élder Monte J. Brough, dos Setenta, teve com autoridades governamentais e dirigentes de universidades, cinco casais de missionários entraram na Mongólia em 1992 e 1993. A finalidade era auxiliar no sistema de

À esquerda: **Uma gravura do Salvador está pendurada na pequena loja de Doyodiin Dashgerel e seu marido Togtokhin Enkhtuvshin.** ***Abaixo:*** **Doyodiin com três dos cinco filhos do casal.**

educação superior do país e ensinar as pessoas a respeito da Igreja. Em 1993, o Élder Neal A. Maxwell, do Quórum dos Doze Apóstolos, dedicou a Mongólia para a pregação do evangelho; no mesmo ano, foi organizado o Ramo Ulaanbaatar.

Ulaanbaatar, a capital e maior cidade do país, apresenta contrastes marcantes. Muitos residentes usam vestimentas típicas chamadas *deels*, chapéus coloridos e botas de coro decorativas, com as pontas viradas para cima, ao passo que outros usam roupas de estilo ocidental. Carros novos alemães cruzam com antigos carros russos reformados, veículos com tração nas quatro rodas e caminhões. O fluxo de tráfego tem, às vezes, que se desviar do gado que circula livremente pelas ruas da cidade.

Em fevereiro de 1993, Lamjav Purevsuren tornou-se o primeiro mongol a ser batizado no país. Purevsuren foi criado na região oeste da Mongólia e morava numa espécie de tenda redonda e forrada de feltro, chamada *ger*. A maior dificuldade de sua família era alimentar os animais durante os invernos inclementes, quando a temperatura cai a quarenta graus negativos. Muitas vezes durante o ano, a família desmontava sua *ger* e mudava-se, em busca de novas pastagens.

Purevsuren conheceu o Élder Stanley Smith quando foi seu aluno no curso de "marketing" da Universidade Nacional da Mongólia. "Meu colega Tsendkhuu Bat-Ulzii e eu ficamos curiosos para saber por que esse profissional americano viera à Mongólia", lembra-se Purevsuren.

"O Élder Smith falou a respeito de sua igreja e convidou-nos para uma reunião, mas o endereço que nos deu era o de um apartamento. Ficamos muito surpresos!"

Purevsuren e Bat-Ulzii foram à pequena reunião com os casais missionários e concordaram em receber as palestras. Ambos foram batizados e Bat-Ulzii acabou sendo chamado como presidente do ramo de Ulaanbaatar Tuul. O número de membros no país atualmente é de mais de 550 pessoas, com três ramos em Ulaanbaatar, um em Erdenet, uma cidade de 44.000 habitantes localizada a noroeste da capital, e um ramo em Darkhan, uma cidade de 65.000 habitantes ao norte de Ulaanbaatar.

Togtokhin Enkhtuvshin, que serve atualmente como presidente do ramo Selbe Ulaanbaatar, lembra-se que, durante o regime socialista na Mongólia, os mongóis "não aprendiam a respeito de religião. Os valores morais diminuíram. A bebida, o fumo e a imoralidade tornaram-se aceitos. Quando eu era menino, no entanto, minha avó me ensinava a respeito de Deus. Ela era budista, mas falava de Jesus Cristo. Eu sentia que a religião poderia unir nosso povo e ajudá-lo a progredir".

Enkhtuvshin orou para encontrar alguma coisa que mudasse sua vida e ajudasse o país. "Não sabia a que Deus eu orava", diz ele, "mas meus pais diziam que, se existisse um Deus, Ele me ajudaria." Ansioso por descobrir mais a respeito de Jesus Cristo, Enkhtuvshin aceitou um convite para estudar na Alemanha, onde ele sabia que iria encontrar muitas religiões cristãs.

Um dia, na Alemanha, Enkhtuvshin encontrou os missionários na rua. "Eles me deram exemplares do Livro de Mórmon em russo e alemão", lembra-se ele. "Li o livro em um dia e uma noite. Eu gosto muito desse livro." Dois dias depois ele foi à igreja e, em meados de 1993, foi batizado. "Fiquei muito entusiasmado com o batismo e pensei que eu talvez fosse o primeiro mongol a tornar-se membro da Igreja", diz ele, "mas fiquei preocupado em voltar para casa e não ter a Igreja em meu país."

Sem saber do crescimento do evangelho em sua terra, Enkhtuvshin voltou para a Mongólia no mesmo mês que seis jovens missionários lá chegaram para ensinar inglês, aprender mongol e ensinar o evangelho. Ele estava fazendo compras em uma loja com sua família, quando viu pessoas que lhe pareciam familiares, talvez por sua aparência — eram os missionários! "Naquele momento, soube que Deus me estava ajudando", diz ele. "Fiquei muito entusiasmado ao descobrir que não me encontrava só."

A mulher de Enkhtuvshin, Doyodiin Dashgerel, e seus cinco filhos foram batizados, e Enkhtuvshin desempenhou um papel fundamental ao ajudar a Igreja a conseguir o reconhecimento do governo mongol. A Igreja foi reconhecida oficialmente em outubro de 1994.

Como professor universitário, Enkhtuvshin lutou durante anos para sustentar sua família, morando num apartamento de dois quartos cons-

truído pelos russos. A inflação dificulta a vida dos mongóis, que têm um salário médio equivalente a 50 dólares por mês. O país depende de artigos importados, que são caros e escassos. Com a nova economia de mercado, Enkhtuvshin e a mulher resolveram, em 1994, abrir uma lojinha de comida. Os fregueses são atendidos por Dashgerel, que vende lingüiça, pepinos ou tomates numa lojinha de aproximadamente um metro e meio de largura, com uma gravura do Salvador ressuscitado na parede.

Outro sinal de crescimento na Mongólia é o fato de que diversos mongóis foram chamados para servir como missionários. Os mongóis estão servindo ou serviram como missionários nos Estados Unidos (na Califórnia, em Massachusetts, Washington, Utah e na cidade de Washington, D.C., a capital do país) e na Coréia, Rússia e Canadá.

Na época em que este artigo foi escrito, a síster Magsariin Batchimeg servia na Praça do Templo em Salt Lake City. Ela ama seu país e acredita que o evangelho de Jesus Cristo acarretará uma "poderosa mudança" no coração de muitos mongóis. "Os mongóis são boas pessoas", diz ela. "São muito amistosos e preocupam-se com os demais. Se ouvirem o evangelho e entrarem para a Igreja, sua vida tornar-se-á melhor."

A síster Batchimeg entrou para a Igreja há dois anos, depois de receber as palestras dos missionários durante três meses. Apesar de ser quase impossível entender os missionários, uma vez que eles estavam começando a aprender mongol e ela não falava inglês, a síster Batchimeg diz que ela era capaz de perceber a sinceridade dos élderes quando eles lhe prestavam testemunho.

Ela queria saber por si mesma e logo adquiriu seu próprio testemunho do evangelho. "Tantas pessoas não conhecem o propósito da vida", diz ela. "Durante meus anos de crescimento, parecia-me difícil acreditar que não havia razão para minha vida. A Igreja respondeu a todas as perguntas que eu tinha; o evangelho faz com que tudo fique claro."

Ela agora presta seu testemunho a todos que vão à Praça do Templo. "Tenho grande desejo de compartilhar o evangelho. É muito triste quando as pessoas sentem o Espírito e sabem que a Igreja é verdadeira, mas recusam-se a aceitá-la. Eu gostaria de poder plantar as sementes do evangelho em todas as pessoas."

Depois da missão, a síster Batchimeg pretende continuar seus estudos — possivelmente em administração ou ciências políticas — e espera ajudar a Igreja em seu crescimento na Mongólia. "Os membros precisam de muito apoio, porque a Igreja é ainda tão nova lá", diz ela.

Com o apoio dos laboriosos pioneiros mongóis como a síster Batchimeg, a Igreja com certeza irá crescer e prosperar na Mongólia. □

Página ao lado: **Algumas irmãs do Ramo de Ulaanbaatar falam das tradições da Mongólia numa reunião de economia doméstica.** ***Acima, à esquerda:*** **Taivan, membro recém-batizado, com o Élder Hawkins, missionário de tempo integral.** ***Acima, à direita:*** **Jovens da Mongólia num acampamento das Moças.** ***À direita:*** **Magsariin Batchimeg (à esquerda) e Urtnasan Soyolmaa foram as primeiras missionárias mongóis. Ambas serviram em Utah.**

QUANDO OS ANJOS VIEREM, DE CLARK KELLEY PRICE.

Fé a Cada Passo

Élder Robert L. Backman
Autoridade Geral Emérita

Celebramos este ano o 150º aniversário da jornada dos pioneiros de Winter Quarters, no Estado de Nebraska, para o vale do Lago Salgado. Comemoramos também o valioso legado de fé e dedicação com que os pioneiros de todas as épocas e lugares contribuíram para a Igreja. Todas as alas e ramos de nossa Igreja mundial têm o apoio de santos fiéis, dedicados ao evangelho restaurado de Jesus Cristo. Esses santos tornam-se pioneiros quando se esforçam para apoiar o que é certo, guardar os mandamentos, partilhar o evangelho, testificar de Cristo e ser exemplos de uma vida cristã.

A fim de incentivar comemorações sobre os pioneiros em toda a Igreja, a Primeira Presidência organizou um comitê do sesquicentenário para planejar atividades que homenageiem os pioneiros de ontem e de hoje.

O tema da comemoração, que se deve estender por todo o ano, é "Fé a Cada Passo", refletindo uma característica comum a todos os pioneiros. O logotipo retrata o tema, mostrando pioneiros com um carrinho de mão, caminhando penosamente pela trilha e arrastando todos os seus pertences. O comitê espera que esse tema dê margem a uma ampla variedade de comemorações alegres e singulares, de acordo com os talentos, habilidades, desejos e situações dos membros de todo o mundo.

As diretrizes enviadas a todas as alas e estacas da Igreja sugerem atividades para pessoas, famílias, alas e estacas. Incentivamos todos os membros e unidades da Igreja a participarem dessa comemoração e a concentrarem-se nas atividades que sejam mais significativas e mais apreciadas em suas áreas.

Entre as atividades sugeridas encontra-se um concerto de belas músicas intercaladas com a leitura de trechos retirados de diários dos pioneiros. A música encontrada nas páginas 22–23 deste número de A Liahona *pode ser*

Um dos pioneiros das companhias de carrinhos de mão lembrou: "Olhava várias vezes para trás para ver quem estava empurrando o carrinho, mas não via ninguém. Percebia então, que os anjos de Deus estavam presentes".

ESTÁTUA DOS PIONEIROS DE CARRINHOS DE MÃO, DE TORLIEF KNAPHUS; *MARTIN HANDCART COMPANY, BITTER CREEK, WYOMING, 1856*, DE CLARK KELLEY PRICE

cantada como parte do programa. A letra representa muito bem o tema da comemoração, destacando a fé de nossos antepassados em todos os aspectos de sua vida.

De todas as demonstrações de fé no Senhor, poucas histórias têm mais força do que a do pioneiro que, anos mais tarde, defendeu a decisão da Companhia Martin de Carrinhos de Mão de partir tardiamente para o Vale do Lago Salgado no ano de 1856. Ele fora um dos 3.000 santos que caminharam dos Estados de Iowa e Nebraska para Utah, entre 1856 e 1860, em uma das dez companhias que empurraram e puxaram os carrinhos de mão carregados de pertences.

Numa aula da Escola Dominical, houve uma grande discussão a respeito das desditosas Companhias de Carrinhos de Mão Martin e Willie, que enfrentaram a tragédia devido a sua partida tardia em direção ao Vale do Lago Salgado.

Um homem idoso levantou-se e disse: "Peço-lhes que parem com essas críticas. Vocês estão falando de algo sobre o que nada sabem. Os fatos históricos, comentados friamente (. . .) não refletem as questões envolvidas. Foi um erro a Companhia de Carrinhos de Mão partir tão tarde? Sim. "Eu estava nessa companhia, bem como minha esposa. (. . .) Nós sofremos mais do que poderiam imaginar, e muitos morreram de inanição e de frio (. . .), mas (. . .) *passamos por tudo com total conhecimento [de Deus]* (. . .), *pois O conhecemos durante nossas maiores provações.*

Puxava meu carrinho de mão quando estava tão fraco e cansado, doente e faminto que mal podia dar um passo. Olhava adiante e via um trecho arenoso do terreno ou a encosta de uma montanha e dizia: 'Só conseguirei ir até ali; depois, terei que desistir porque não conseguirei mais puxar este peso.

"Nós sofremos mais do que poderiam imaginar, e muitos morreram de inanição e de frio (. . .), mas (. . .) passamos por tudo com total conhecimento [de Deus] (. . .), pois O conhecemos durante nossas maiores provações."

(. . .)' Caminhava naquela direção e quando chegava ao trecho de areia, o carrinho começava a empurrar-me. Olhava várias vezes para trás para ver quem estava empurrando o carrinho, mas não via ninguém. Percebia então, que os anjos de Deus estavam presentes.

Arrependi-me de haver decidido viajar com um carrinho de mão? Não. Nem na época nem depois, em momento algum de minha vida. Pagar o preço que pagamos para conhecer Deus foi um privilégio, e sou grato pelo privilégio de haver viajado na Companhia Martin de Carrinhos de Mão". [Citado por David O. McKay, "Pioneer Women" (Mulheres Pioneiras), *The Relief Society Magazine*, janeiro de 1948, p. 8.]

Nossos antepassados pioneiros foram provados e testados na fornalha da aflição. Quando chegaram ao Vale do Lago Salgado, seu testemunho e devoção haviam sido fortalecidos pela prova de sua fé. Eles haviam aprendido o que significa ser completamente submissos à vontade de Deus.

FÉ PARA OBEDECER

Em agosto de 1852, cinco anos depois de a primeira leva de pioneiros dirigir-se para o vale em 1847, Heber C. Kimball, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, leu, do púlpito, durante uma conferência realizada na Praça do Templo, o nome de mais de 100 homens, chamando-os para servir como missionários em alguns dos mais distantes lugares do mundo. Sem desculpar-se pelos chamados inesperados, ele acrescentou: "Aos que foram escolhidos para irem em missões, eu digo: *Ide, ainda que não retorneis;* entregai o que possuís a Deus — vossas mulheres, vossos filhos, vossos irmãos e vossas propriedades".

O Élder George A. Smith, do Quórum dos Doze Apóstolos, acrescentou durante a mesma conferência: "As missões para as quais vos chamaremos durante esta Conferência não serão, de um modo geral, muito longas; provavelmente nenhum homem ficará longe de sua família mais do que de três a sete anos. Se alguém se recusar a ir, pode esperar que suas mulheres não vivam mais com ele; não há uma irmã 'mórmon' que viva com um homem que se recuse a servir como missionário". [Journal History of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints (História dos Diários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias), 28 de agosto de 1852, p. 1.]

A reação não foi questionar o chamado, mas perguntar: "Quando partimos?"

Como resultado da fé desses missionários e de outros anteriores a eles, uma enorme quantidade de conversos filiou-se à Igreja, muitos dos quais imediatamente imigraram para Sião, abandonando seu lar e sua família pelo desconhecido e demonstrando, assim, sua fé. Viajavam em pequenas embarcações, apertados em porões malcheirosos durante semanas e meses, à mercê dos ventos, mas ainda assim, demonstrando o ardor e a fé de um converso em seu relacionamento com os demais viajantes e tripulantes do navio.

Uma história interessante de uma dessas jornadas refere-se ao navio *International*, que partiu de Liverpool, na Inglaterra, em 25 de fevereiro de 1853. Ele levava a bordo uma companhia de imigrantes SUD de 425 pessoas, incluindo um número de amigos não batizados e de parentes, além de 26 tripulantes.

O navio atravessou tempestades violentas, atrasando-se na travessia; com isso, foi necessário racionar a comida. Em quatro semanas, só um terço da distância para Nova Orleans, Estado da Louisiana, havia sido coberta.

Graças à fé e orações dos valorosos santos, um milagre ocorreu: ventos a favor tornaram possível compensar o tempo perdido. O *International* ancorou em Nova Orleans depois de uma viagem de 54 dias através do Oceano Atlântico.

Christopher Arthur presidia a companhia de santos dos últimos dias a bordo do *International*. Em seu relatório oficial ao presidente da missão britânica, o Presidente Arthur escreveu: "Fico feliz em informar-lhe que batizamos todos a bordo, com exceção de três pessoas. (. . .) Entre os batizados, incluem-se o capitão, o primeiro e segundo imediatos,

TERRA PROMETIDA, DE GLEN S. HOPKINSON

Uma enorme quantidade de conversos filiou-se à Igreja, muitos dos quais migraram para Sião (. . .) viajando pelos oceanos por semanas e meses.

dezoito tripulantes, muitos dos quais pretendem ir diretamente para o vale. (. . .) Batizamos um total de 48 pessoas desde que saímos de nosso país". [Citado em William G. Hartley, "Voyage on the Ship *International*" (Viagem no Navio *International*), *New Era*, setembro de 1973, p. 9.]

FÉ PARA FLORESCER

Outros santos dos últimos dias demonstraram sua fé permanecendo onde foram convertidos, formando o núcleo de onde a Igreja cresceria e floresceria nos anos seguintes. Suas histórias, relatando as dificuldades que enfrentaram diante da oposição e das perseguições são tão dramáticas quanto as dos primeiros santos que foram para Utah. Ainda assim, foram corajosos e guardaram os mandamentos de Deus com fé inabalável.

Quando rapaz, servi como missionário na Missão dos Estados do Norte [dos Estados Unidos], passando um ano na cidade de Cleveland, no Estado de Ohio. Havia na época um pequeno ramo que se reunia numa sala do Hotel Carter na "Public Square". O ramo tinha só algumas famílias convertidas ao evangelho, sendo elas o fermento que fez o ramo crescer. Desfrutávamos também a convivência fraternal de algumas famílias do oeste que se haviam mudado para Cleveland por razões profissionais.

Minha primeira designação como Setenta foi supervisionar essa área da Igreja. Que maravilhosa foi a experiência de voltar a Cleveland e encontrar prósperas estacas onde, durante minha missão, havia um pequeno ramo. O imenso crescimento deveu-se, em sua maior parte, aos primeiros membros do ramo cuja força e fé ajudaram a atrair outros pioneiros que, por sua vez, mantiveram-se fiéis e inabaláveis.

Durante décadas, um pequeno grupo de membros da antiga Tchecoslováquia apegaram-se a sua fé em meio à guerra e ao comunismo, até que a Igreja os alcançou em 1990. Por quase 14 anos desse período, os membros da Igreja mantiveram sua fé em silêncio, proibidos de adorar em público ou de ter qualquer contato com a Igreja além das fronteiras do país. Entre esses santos encontrava-se Ana Lukasova, que esteve isolada da Igreja durante 45 anos. Ela guardou seu dízimo fielmente durante todos

esses anos. Outro membro da Igreja era Otakar Vojkuvka, que ajudou os santos a manterem-se unidos durante o governo comunista e ensinou o evangelho de maneira discreta, trazendo muitos jovens conversos para a Igreja. (Ver Vernon L. Hill, "O Dízimo de 45 Anos", *A Liahona*, dezembro de 1994, p. 8; Kahlile Mehr, "Czech Saints: A Brighter Day", *Ensign*, agosto de 1994, pp. 46–52.)

FÉ NOS DIAS ATUAIS

A era dos pioneiros não terminou! Há muitos pioneiros entre nós nos dias de hoje. Por todo o mundo, vejo pioneiros atuais que demonstram fé e coragem inquebrantáveis, da mesma forma que nossos antepassados. Eles fizeram da Igreja uma organização mundial, cumprindo as profecias das escrituras e de nossos profetas. São pioneiros, aceitando o evangelho de Jesus Cristo e batizando-se em Seu reino.

Sharon Bradley, da Estaca Akron Ohio, descreveu esse espírito pioneiro citando sua filha que diz: "Alguns de vocês podem comemorar seu legado pioneiro em 24 de julho. É justo que o façam. Meus filhos e os filhos de meus filhos sempre terão na memória o dia 19 de novembro de 1974. Foi aquele o dia em que meus pais se batizaram e o sangue pioneiro começou a correr em nossas veias". ("Pioneers Since 1974", *Ensign*, julho de 1988, p. 27.)

Mesmo numa Igreja mundial, há quem demonstre uma fé inabalável até quando isolado e sem apoio de família ou de uma unidade da Igreja.

Robert Muhile filiou-se à Igreja enquanto trabalhava e estudava no Cairo, Egito. Depois de ser ordenado élder, voltou a sua aldeia na Tanzânia, África, para falar a respeito do evangelho com sua família. Infelizmente, estavam a mais de 960 quilômetros do ramo mais próximo da Igreja, em Dar es Salaam, o que representava uma viagem de ônibus de três dias. Ele ficou completamente isolado dos outros membros da Igreja. Depois de passar seis meses sem tomar o sacramento, ele pediu permissão ao presidente da missão para preparar e abençoar o sacramento para si mesmo. A permissão foi concedida.

Todos os domingos, Robert convidava sua família para participar do serviço de adoração com ele, mas seus familiares preferiam ir a sua própria igreja. Assim, ele fazia sua reunião sozinho. Conta ele: "Eu preparava o pão e a água, água para lavar as mãos e uma toalhinha. Cantava um hino em voz alta para mim mesmo. Eu tinha um hinário. Depois disso, fazia uma oração. Por estar só, não havia apoios e desobrigações, de modo que cantava o hino sacramental e preparava o sacramento. A seguir, ajoelhava-me, abençoava e tomava o sacramento. Depois do sacramento, cobria-o, como é costume, em sinal de respeito. Fazia um discurso — meu testemunho. Então cantava como se estivesse na Escola Dominical e lia um trecho de *Princípios do Evangelho*. Terminava com uma oração. Então vinha a reunião do sacerdócio. Depois de cantar um hino, fazia uma oração e lia a lição que escolhera para aquele dia no manual do sacerdócio. Posteriormente, encerrava cantando um hino e fazendo a última oração". (Citado em E. Dale LeBaron, "Pioneiros do Evangelho na África", *A Liahona*, maio de 1994, 43–44.) Robert Muhile é, verdadeiramente, um pioneiro.

NOSSO LEGADO DE FÉ

Quando penso no imenso legado de fé que desfrutamos hoje e as ricas bênçãos que recebemos por causa dos sacrifícios de nossos antepassados pioneiros, compreendo mais claramente a mensagem do Senhor aos filhos de Israel depois que eles, finalmente, se estabeleceram na terra prometida após seus pais terem vagado 40 anos pelo deserto. Depois de lembrar ao povo os grandes milagres e bênçãos recebidos em seu êxodo do Egito, o Senhor disse por intermédio de Josué: "E eu vos dei a terra em que não trabalhastes, e cidades que não edificastes, e habitais nelas e comeis das vinhas e dos olivais que não plantastes". (Josué 24:13)

Num comovente discurso de conferência geral, proferido durante o ano do centenário em 1947, o Presidente J. Reuben Clark Jr., Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, lembrou-nos: "Não nos esqueçamos nunca de que os feitos de nossos antepassados pioneiros pertencem a eles, não a nós; lembremo-nos também que suas

obras não podem ser contadas para nossa glória; que não podemos receber coisa alguma ou chegar a lugar algum por causa do que eles fizeram; que devemos ser exaltados por nossas próprias obras e, se não as realizarmos, não chegaremos a parte alguma. Não podemos esperar homenagens, recompensas, respeito, posição ou reconhecimento especiais ou crédito pelo que nossos antepassados foram ou pelo que fizeram. Somos responsáveis por nós mesmos. [Conference Report (Relatório da Conferência Geral), outubro de 1947, p. 160.]

Ainda assim, o espírito pioneiro está representado em nós, herdeiros de sua fé. Somos o melhor monumento a eles. Em nossos ombros repousa a bênção de continuar o trabalho por eles iniciado: desenvolver a fé que nos transmitiram.

FÉ PARA SACRIFICAR-SE

Tenho visto demonstrações dessa fé diariamente, quando homens e mulheres aceitam chamados para servir. É aí que provamos nossa fé. Pode-se não exigir que façamos os sacrifícios físicos de nossos antepassados. Em vez disso, a prova de nossa devoção ao evangelho, em sua maior parte, vem de dentro de nós. Demonstramos nossa obediência às leis do evangelho e nossa disposição para nos sacrificarmos ao aceitarmos chamados para servir, ao prestarmos serviços de qualidade e ao vivermos o evangelho fielmente.

Tenho visto com freqüência a reação dos pioneiros modernos chamados para fazer sacrifícios pessoais servindo seus semelhantes. Sinto-me profundamente emocionado ao ver sua disposição para se dedicarem aos outros.

No Paraguai, nossa família pioneira de oito pessoas caminhava os dez quilômetros de ida e volta todos os domingos até o ramo mais próximo, pois não tínhamos dinheiro para o ônibus.

Ao ser chamado para servir em tempo integral em um de nossos Centros de Treinamento Missionário, um casal fiel e dedicado que, em anos anteriores, já havia deixado sua casa e família para servir no campo missionário e no templo, disse: "Estamos preparados para servir onde o Senhor desejar".

Quando presidente de missão, chamei um irmão para ser o presidente de um distrito da missão. Depois de aceitar o chamado, perguntei ao novo presidente do distrito o que ele faria se seu emprego interferisse no chamado. Sem hesitar, ele declarou que procuraria outro emprego! Homens e mulheres desse tipo são pioneiros modernos.

Agimos como pioneiros quando, tranqüila e humildemente, fazendo coisas grandes ou pequenas, mantemos a fé e perseveramos até o fim. Observem a fidelidade de Yenny Figueredo e de sua família, membros paraguaios que moravam a cinco quilômetros da capela mais próxima da Igreja. "Sendo que éramos oito pessoas, o custo das passagens de ônibus era muito alto. (. . .)

ILUSTRAÇÃO DE GLEN S. HOPKINSON

Por isso, todos nós tínhamos que caminhar — duas horas em cada direção. Fazíamos aquele trajeto todos os domingos, para a Primária e a Mutual. Uma vez que as reuniões do domingo eram feitas em duas etapas — na parte da manhã e de tarde — fazíamos o percurso de ida e volta duas vezes, num total de vinte quilômetros. Quando estava muito quente, algumas vezes levávamos o almoço e sentávamos embaixo de uma árvore durante o intervalo das reuniões. Desde o dia em que fomos batizados, não me lembro de termos perdido uma só reunião." (Em "Pioneers in Paraguay", *A Liahona*, setembro de

1993, p. 11.)

A disposição dos membros da Igreja de sacrificarem tudo, mesmo a própria vida, como evidência de sua fé, é demonstrada diariamente, de diversas maneiras, e algumas vezes acontece de modo tão discreto que a maioria das pessoas nada percebe de sua fé ou heroísmo.

Há muitos anos, quando eu servia como diretor executivo do Departamento Missionário, dois de nossos bons missionários foram assassinados na Bolívia num ataque terrorista sem sentido. Seus pais e sua família, obviamente, entristeceram-se com a tragédia. O corpo dos dois rapazes, Élder Todd R. Wilson e Élder Jeffrey B. Ball, foram enviados para os Estados Unidos para o sepultamento. Após as cerimônias fúnebres em homenagem ao Élder Ball, foi publicado um artigo no *Church News* que, em parte, dizia:

"O Élder Ball comentou antes de partir para o campo missionário, segundo sua mãe, que a pior coisa seria voltar para casa sabendo que não havia tentado fazer o melhor possível. Seus pais acham que o filho fez o melhor possível, ainda que ambos não imaginassem que ele iria perder a vida a serviço do Senhor.

Ainda assim, seu pai tem certeza de que o Élder Ball teria atendido a seu chamado missionário ainda que soubesse qual seria o desfecho. 'E o que me parece incrível é que honestamente acho que permitiria que ele fosse novamente!'" (R. Scott Lloyd, "Elder Ball Touched Lives for Good", *Church News*, 3 de junho de 1989, p. 14.)

Somos todos pioneiros que mantemos esse legado de fé, servindo uns aos outros altruisticamente, partilhando as riquezas do evangelho com todos os filhos de Deus e vivendo em luz e verdade todos os dias. Ao lado daqueles que se foram anteriormente, andamos com fé a cada passo. Seguimos Jesus Cristo, o Senhor! □

FÉ A CADA PASS

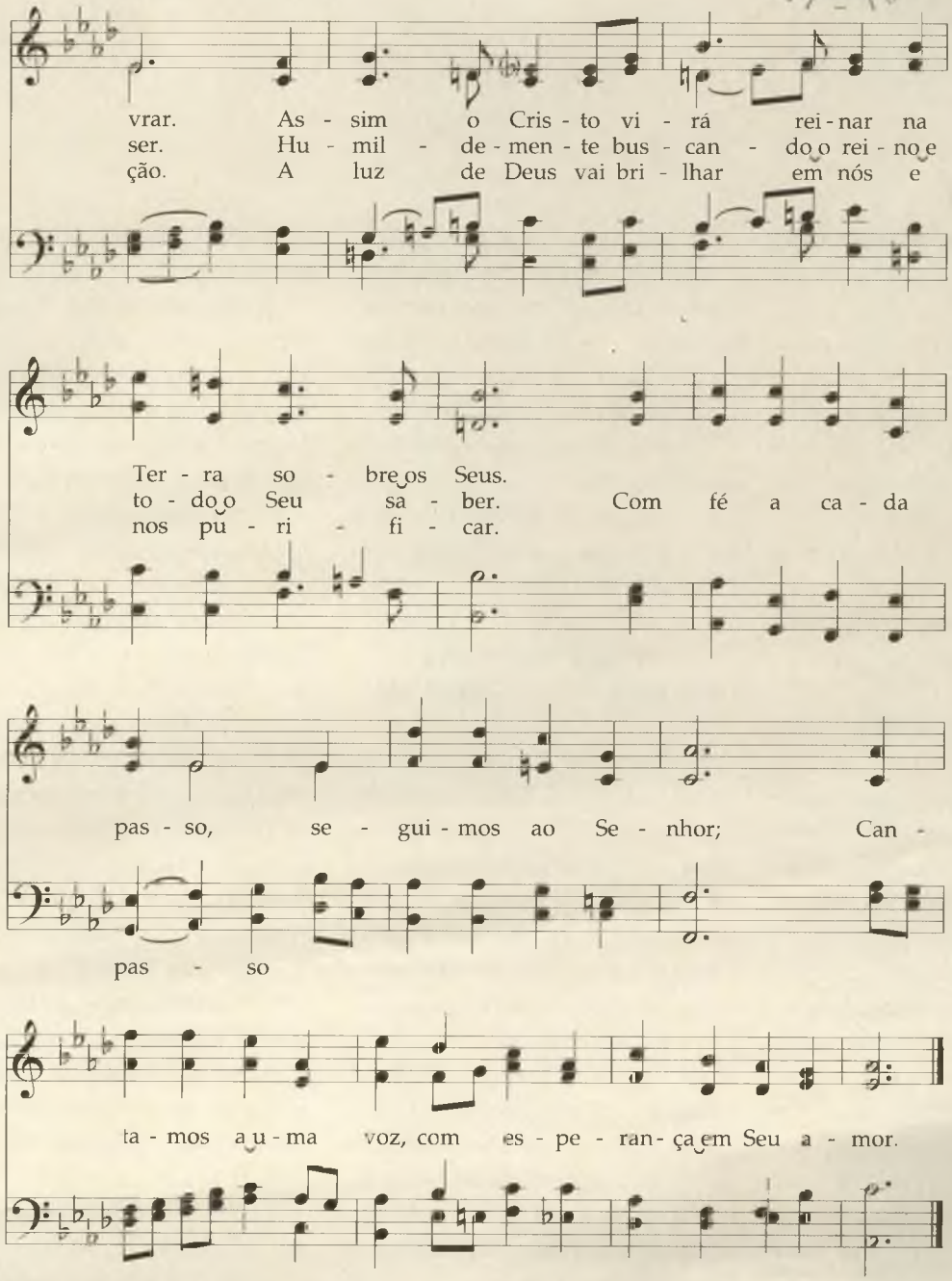
Fervorosamente ♩ = 72–84

1. É ma - ra - vi - lho - sa e já es - tá a - qui a
2. Os san - tos va - len - tes, o - brei - ros da paz, Que
3. Se nós de - se - ja - mos a o - bra fa - zer, Lan-

o - bra que Deus or - de - nou. Ó vós que em - bar - cais no ser-
ser - vem em to - do lu - gar. São for - tes e fir - mes em
ce - mos a foi - ce com fé. O cam - po já bran - co pra

vi - ço do Pai Ser - vi - O com to - do fer - vor. Do
seu co - ra - ção fa - zen - do o tra - ba - lho de Deus. E -
cei - fa es - tá; Fa - ça - mos a o - bra co'a - mor. As -

mal os pro - fe - tas e an - jos do céu Vi - e - ram nos li -
xem - plo de fé e vir - tu - de e - les são; As - sim de - ve - mos
sim po - de - re - mos de Deus re - ce - ber A e - ter - na sal - va -



Letra e música: K. Newell Dayley, n. 1939.

© 1996 SUD. Todos os direitos reservados. Esta música pode ser copiada para fins não comerciais e uso na Igreja e no lar. Este aviso deve ser incluído em todas as cópias.

Doutrina e Convênios 4

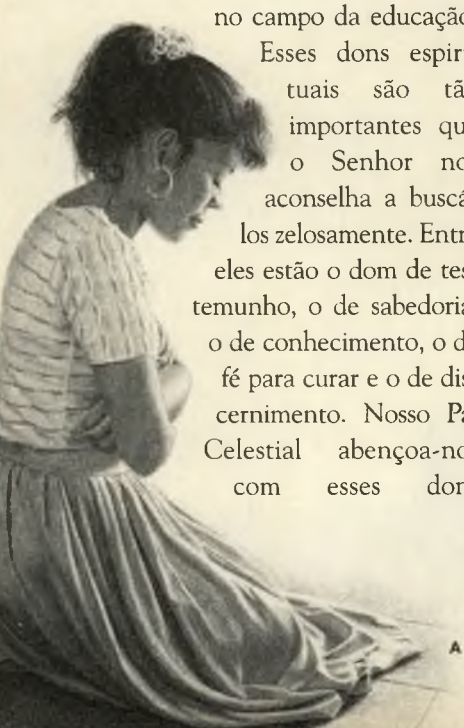
PROCURAR (. . .) OS MELHORES DONS

Presidência Geral da Sociedade de Socorro

Durante o ano de 1997, nossas mensagens de Professoras Visitantes terão como tema "Procurai com Zelo os Melhores Dons". (D&C 46:8) Como presidência geral, incentivamos vocês a estudarem a seção 46 de Doutrina e Convênios e a reivindicarem suas maravilhosas promessas para si e para aqueles a quem amam e servem.

O QUE SÃO DONS ESPIRITUAIS?

Nosso Pai Celestial abre-nos a porta de um grupo especial de bênçãos, geralmente chamadas de "dons espirituais". Esses dons diferem de muitas outras bênçãos que podemos desfrutar, como talentos, relações familiares, ou, talvez, especializações no campo da educação. Esses dons espirituais são tão importantes que o Senhor nos aconselha a buscá-los zelosamente. Entre eles estão o dom de testemunho, o de sabedoria, o de conhecimento, o de fé para curar e o de discernimento. Nosso Pai Celestial abençoa-nos com esses dons quando vivemos Seus mandamentos e cumprimos nossos convênios. Esses dons nos são dados para que aumentemos nossa espiritualidade e sirvamos nosso próximo, "para que todos sejam assim beneficiados". (D&C 46:12)



Poucas pessoas possuem todos esses dons espirituais. Por outro lado, não existe um só membro da Igreja que não possua ao menos um deles. (Ver D&C 46:11.)

COMO PROCURAR E RECEBER DONS ESPIRITUAIS?

Muitos de nós já temos dons espirituais, mas, às vezes, não conseguimos reconhecê-los. Pensamos que estão reservados para pessoas com necessidades ou chamados especiais. Pelo mesmo motivo não os buscamos zelosamente, apesar de nos terem sido prometidos. O Salvador nos diz: "Mas vós sois mandados em todas as coisas a pedir a Deus que dá liberalmente (. . .) para que sejam beneficiados todos os que Me procurarem ou pedirem a Mim". (D&C 46:7, 9)

Na seção 46, o Senhor relaciona seis qualificações para se receber dons espirituais: (1) Não devem ser buscados como sinais (ver versículo 9); (2) devem ser usados a serviço do próximo (ver versículos 12, 26); (3) devem ser usados "em nome de Cristo" (ver versículo 31); (4) devemos agradecer a Deus "por todas as bênçãos com que [formos] abençoados" (versículo 32); (5) devemos "praticar a virtude e santidade diante [do Senhor] continuamente" (versículo 33).

A sexta qualificação é pedir "em espírito". (Ver versículo 30.) Certa vez, o Presidente Brigham Young recebeu uma mensagem do Profeta Joseph Smith, após o seu martírio, que ilustra a importância de termos o Espírito Santo conosco: "Diga aos irmãos que sejam humildes e fiéis e que conservem o Espírito do Senhor, que os guiará para o bem. Sejam cautelosos e não afastem a voz mansa e delicada; ela lhes ensinará o que fazer e para onde ir. (. . .) Diga aos irmãos que mantenham o coração aberto, para que suas convicções se fortaleçam, a fim de que, quando o Espírito Santo tocar seu coração, estejam prontos para recebê-Lo. Eles podem discernir o Espírito do Senhor de todos os outros, pois leva paz e alegria a sua alma e retira-lhes a malícia, o ódio, a discórdia e a maldade do coração , tornando-se seu maior desejo o de fazer o bem". [*Juvenille Instructor*, 8 (1873) 114.]

Os dons do Espírito são recebidos por intermédio do Espírito Santo. É nossa sincera oração, como presidência, que as irmãs da Igreja abram o coração a esses dons, que os busquem zelosamente, sejam dignas de recebê-los e usem-nos em benefício de todos.

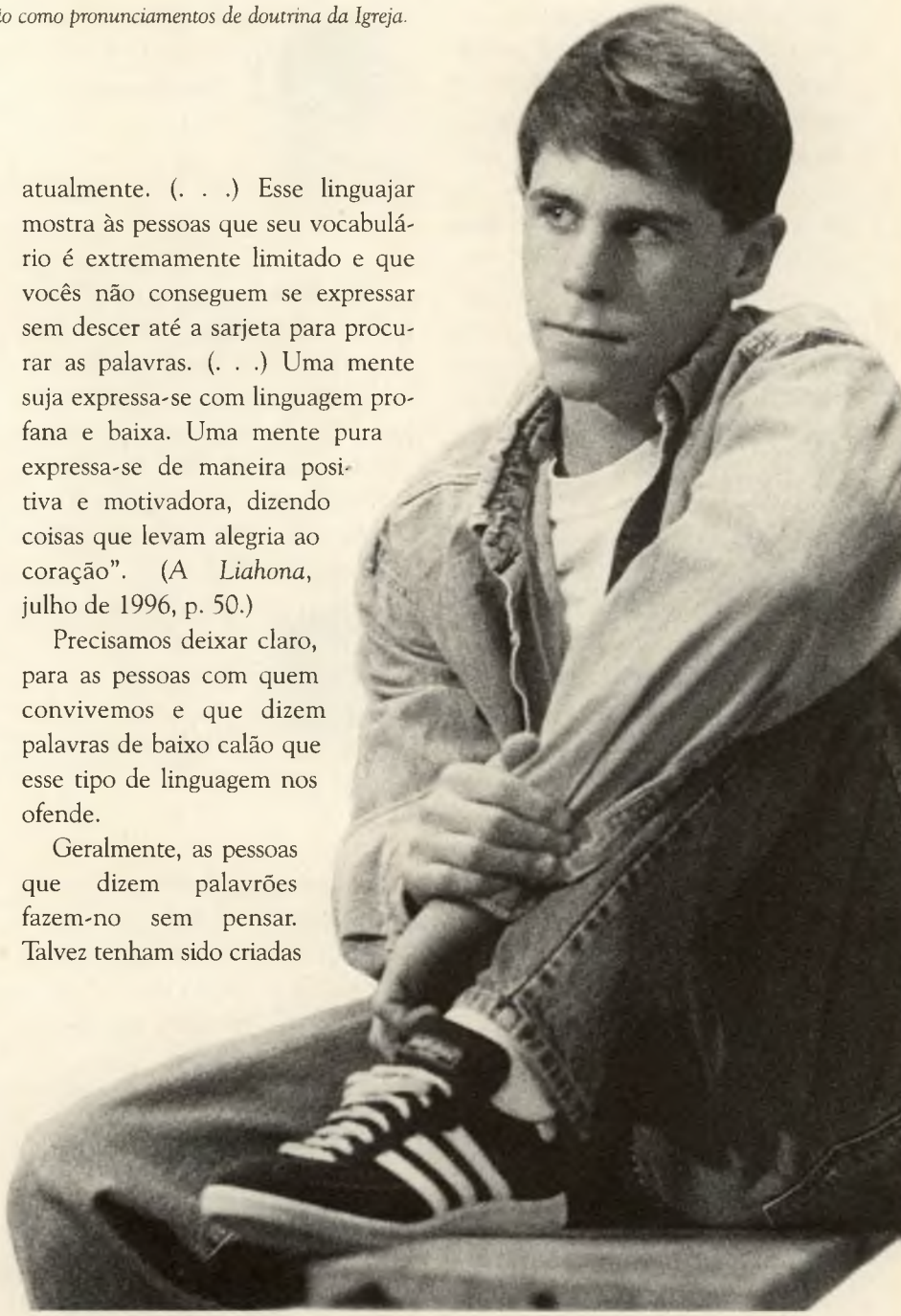
• *Por que os dons espirituais são tão importantes? (Ver D&C 46:7–9.)*

• *Como os dons espirituais têm abençoado sua vida e a de outros?* □

COMO POSSO IMPEDIR QUE PALAVRÕES ME VENHAM À MENTE?

Pergunta: Ouço palavras de baixo calão todos os dias na escola ou de outras pessoas ao meu redor. Descubro-me pensando nessas palavras, muito embora não as diga. Como posso parar de dizer palavras de baixo calão em minha mente?

Perguntas respondidas à guisa de orientação, não como pronunciamentos de doutrina da Igreja.



NOSSA RESPOSTA:

É desanimador tentar resistir ao uso de palavrões e perceber que eles ficam espoucando em nossa mente. E, infelizmente, existe a chance de algumas dessas palavras nos saírem dos lábios.

Muitos de nossos leitores sugerem que, sendo impossível pensarmos em duas coisas diferentes ao mesmo tempo, enchamos a mente de bons pensamentos, como um hino, uma música da Primária ou uma escritura que saibamos de cor, no momento em que alguma palavra desse tipo nos vier à mente. Se você estiver cônscio e sempre substituir os maus pensamentos pelos bons, os palavrões acabarão por deixar de vir-lhe à mente.

Como membros da Igreja, tomamos sobre nós o nome de Jesus Cristo. Isso significa que representamos o Salvador em tudo que fazemos e dizemos. Palavrões e outras expressões grosseiras não devem ter lugar em nosso vocabulário.

O Presidente Gordon B. Hinckley aconselhou: "Sejam puros no falar. Existem tantas pessoas que usam um linguajar vulgar e baixo atualmente. (. . .) Esse linguajar mostra às pessoas que seu vocabulário é extremamente limitado e que vocês não conseguem se expressar sem descer até a sarjeta para procurar as palavras. (. . .) Uma mente suja expressa-se com linguagem profana e baixa. Uma mente pura expressa-se de maneira positiva e motivadora, dizendo coisas que levam alegria ao coração". (*A Liahona*, julho de 1996, p. 50.)

Precisamos deixar claro, para as pessoas com quem convivemos e que dizem palavras de baixo calão que esse tipo de linguagem nos ofende.

Geralmente, as pessoas que dizem palavrões fazem-no sem pensar. Talvez tenham sido criadas

com pessoas acostumadas a usar esse tipo de linguagem e adquiriram o hábito inconscientemente. Uma vez que, com tato, se chame a atenção delas para tal hábito, muitas expressarão o desejo de parar. Se forem pessoas com quem convivemos, podemos ajudá-las dando um bom exemplo e sugerindo-lhes outras formas de falar. Essas sugestões podem ser feitas com bom humor e de uma forma bondosa que não seja ofensiva.

Podemos também manter o linguajar grosseiro longe de nossa mente, evitando distrações vulgares. Infelizmente, quanto mais ouvimos palavras de baixo calão, menos chocantes elas se tornam.

Como em todas as nossas tentativas para melhorarmos, podemos pedir a ajuda do Pai Celestial a fim de purificarmos nossos pensamentos. Se exercitarmos fé em nosso Pai Celestial, fazendo todo o possível para nos arrependermos, o "Espírito do Senhor Onipotente [efetuará] em nós, ou melhor, em nosso coração, uma vigorosa mudança, de modo que não [teremos] mais disposição para praticar o mal, mas, sim, de fazer o bem continuamente". (Mosias 5:2)

RESPOSTAS DOS LEITORES

Quanto mais desejo temos de seguir os ensinamentos do Salvador, mais somos testados. As provações, porém, não nos devem desanimar e, sim, levar-nos a vencer as tentações e o mal. Se conseguirmos remover todas as palavras de baixo calão de nossa mente, receberemos palavras de verdade e paz para substituí-las, e isso será um triunfo.

Erik Mattsson, 21
Ramo de Örebro,
Estaca Estocolmo
Suécia

Dar ordem a nossas prioridades, por intermédio do jejum, da oração e da freqüência à Igreja, seminário e serões, ajuda-nos a nos livrarmos de pensamentos degradantes. Lembrem-se das palavras do Rei Davi: "Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho." (Salmos 119:105)

Élder Pouono
Lameki, 21
Ala Lepale,
Estaca Ápia
Samoa Leste

Sempre que ouvirmos palavras de baixo calão, lembremo-nos de que Jesus Cristo ensinou: "De toda a palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no dia do juízo". (Mateus 12:36)

Élder Joel T. Labtic, 20
Missão Micronésia
Guam

Sou policial e constantemente ouço pessoas contando piadas indecentes e dizendo palavrões. Quando isso acontece, tento desviar a conversa para um assunto mais positivo, ou tento distrair-me, concentrando-me no meu trabalho.

Na minha situação, é importante que meus colegas conheçam meus padrões. Assim eles me respeitam e, quando estão na minha presença, evitam dizer palavras de baixo calão.

Robison Rogério Faria
dos Santos, 29
Ramo Vitória da
Conquista Um,
Distrito Vitória da
Conquista Brasil

Porque nossos pensamentos nos transformam no que somos, e porque é necessário nos esforçarmos para ser como Jesus Cristo, devemos pensar como Ele pensa. Quando o Senhor enfrentou as três tentações no deserto, imediatamente afastou Satanás com escrituras que sabia de cor. Como Cristo, podemos usar a mesma tática para eliminar as tentações.

Elisângela da Silva Oliveira, 17
Ramo Itapevi
Estaca Osasco Brasil

Nossa forma de falar depende de como disciplinamos nossa mente e da imagem que temos de nós mesmos. Se essa imagem for negativa, devemos tentar aumentar nossa auto-estima. Então teremos a con-

fiança, a coragem e a fé para melhor enfrentarmos as adversidades da vida sem sucumbirmos a uma linguagem profana.

José Oses
Ala Doze Conchalí,
Estaca Santiago Chile Conchalí

Palavras degradantes ofendem meu espírito e o das pessoas que me amam. Palavras gentis não apenas tornam os outros felizes como ajudam nossa auto-estima. "As palavras suaves são favos de mel, doces para a alma, e saúde para os ossos". (Salmos 16:24)

Rossana Jurupe Franco
Ala El Porvenir,
Estaca Lima Peru San Luis

Todas as vezes que ouço palavras de baixo calão, lembro-me de meus convênios com o Pai Celestial e oro pedindo ajuda para esquecer as palavras que ouvi.

Estabeleça a meta de eliminar os palavrões de sua mente e peça ao Espírito Santo que o oriente, uma vez que "aqueles que são sábios (. . .) [tomam] o Santo Espírito por seu guia". (D&C 45:57)

Élder Randy Fernando
Missão Davao Filipinas

Estamos usando nosso livre-arbítrio quando decidimos quais serão nossos pensamentos. Se temos o hábito de dizer palavrões mentalmente, é melhor usarmos o livre-arbítrio para eliminarmos o hábito agora, substituindo-o pelo hábito de pensamentos puros. Se fizermos isso, nossos fardos se tornarão mais leves.

Elia Vasega, 22
Ala Maagiagi,
Estaca Apia Samoa

Os pensamentos podem transformar-se em atos; por isso, a melhor coisa a fazer quando tivermos maus pensamentos é reconhecer de onde tais pensamentos estão vindo e distanciar-nos de sua fonte. Podemos também ter um "hino de guerra", por falta de um termo melhor, que nos ajude a esquecer esses pensamentos, ou podemos fazer uma oração que nos ajude a lembrar de quem nós somos.

Élder Paris Goyeneche
Ala Parque Barón,
Estaca Buenos Aires
Argentina Banfield

Não é fácil deixar de usar palavras de baixo calão, mas se pensarmos no amor ilimitado que o Pai Celestial tem por nós, depois de algumas semanas tentando realmente abandonar o hábito de dizer coisas impróprias, nem mesmo seremos mais tentados a fazê-lo.

Moisés Amorocho, 26
Ala Amersfoort,
Estaca Apeldoorn
Holanda

Ajude a seção PERGUNTAS E RESPOSTAS respondendo à pergunta abaixo. Envie sua resposta de modo a chegar ao destino antes de 1º de abril de 1997. Envie-a a QUESTIONS AND ANSWERS, International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, USA. Coloque seu nome, endereço, idade, ala e estaca (ramo e distrito). Pode escrever ou datilografar em sua própria língua. Se possível, envie uma foto sua, que não será devolvida. Publicaremos uma seleção de respostas que representem todas as recebidas, de modo que nem todas as respostas são utilizadas.

PERGUNTA: Algumas pessoas parecem vangloriar-se do fato de sua família pertencer à Igreja há várias gerações. Eu sou converso. É realmente importante ser parente dos pioneiros da Igreja em nosso país? □

Recursos para Novos Professores

Patricia P. Pinegar
Presidente Geral da Primária

Em minhas viagens como presidente geral da Primária encontro muitos santos, alguns deles membros da Igreja há bem pouco tempo. Todos, porém, tentam servir em seus chamados da melhor forma possível. Sempre me pergunto: *Como podemos ajudar essas pessoas? Como fortalecer novos professores e novas líderes?* Pensei em cinco recursos que cada um de nós tem a sua disposição.

Orar: Presto testemunho de que a oração é nosso recurso mais valioso. Um de meus momentos prediletos para realmente conversar com o Pai Celestial é quando estou a caminho dos escritórios da Igreja em Salt Lake City, vindo de minha casa em Provo. Já tive maravilhosas experiências espirituais nessas ocasiões, experiências essas que me ajudam em meu chamado. Sei que todas as líderes e professores podem ser auxiliados sobremaneira em seu chamado, por meio da oração.

Estudar as Escrituras: As escrituras ajudam-nos e respondem a nossas perguntas. Certa ocasião, senti grande preocupação com esse mundo, onde existem tanta dor e destruição. Fiquei pensando a respeito de como podemos influenciar as crianças. Descobri uma escritura que me trouxe esperança — Isaías 11:9: "Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar".

Apesar de essa escritura tratar do milênio, creio ter sido ela uma vigorosa resposta a minha pergunta "Como podemos influenciar as crianças?" A Primária e os lares ajudam mais as crianças quando estão cheios "do conhecimento do Senhor".

O estudo contínuo das escrituras conforta-nos e dá-nos um conhecimento e compreensão cada vez maiores dos princípios do evangelho.

Familiarizar-se com os Manuais e Outros Materiais: Os manuais são uma importante fonte de auxílio nos chamados da Igreja. Estude os manuais e suplementos, torne-se uma "autoridade em manuais" relacionados a seu chamado. Descubra quais são os outros materiais didáticos encontrados nos centros de distribuição da Igreja.

Sentar-se em Conselhos: Outro valioso recurso que temos para nos auxiliar em nossos chamados é sentarmo-nos em conselho com os líderes do sacerdócio. O Presidente Stephen L. Richards, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência em 1953 disse: "Não hesito em assegurar-vos que, quando vos reunis em conselho da maneira esperada, Deus vos dará as soluções para os problemas que enfrentais". (Citado em *A Liahona*, janeiro de 1994, p. 82.)

Existem muitas outras possibilidades de conselhos, além das reuniões preestabelecidas dos conselhos de alas e estacas. São as reuniões de presidência, reuniões de liderança e os conselhos realizados no lar. É nos conselhos que ouvimos uns aos outros e falamos de nossas preocupações. É nos conselhos que resolvemos problemas, fazemos e implementamos os planos para ajudarmos uns aos outros.

Reconhecer o Espírito: Algumas vezes, os novos professores questionam-se se estão ensinando pelo Espírito. Como sabemos que o Espírito está presente? O Espírito manifesta-se de maneiras diferentes. Pode causar um ardor no peito, eliminar a confusão, dar paz a nossa mente, levar-nos a fazer o bem, encher-nos a alma de alegria e trazer-nos fé e amor. (Ver D&C 6:23; 9:7–9; 11:12–13; Gálatas 5:22–23.) O Espírito pode também ajudar os professores a saber as necessidades dos alunos e o que devem salientar nas lições.

Quando sentir essas coisas ao ensinar, quando perceber o desejo de seus alunos de fazer o bem, quando sentir amor e paz na sala de aula, fale a respeito disso com os alunos. Ajude as crianças a reconhecerem o Espírito em sua vida, o que será uma grande bênção para elas.

Cada um desses recursos podem ajudar-nos, professores e líderes, a melhorar nossas aptidões e a estarmos melhor preparados para servirmos em nossos chamados na Igreja. Quando isso acontecer, sei que o Pai Celestial nos abençoará e fortalecerá, indicando-nos as maneiras pelas quais poderemos ajudar as crianças. □

De um discurso proferido em março de 1995 numa festa da Primária.

NOSSAS PROVAÇÕES TÊM UM PROPÓSITO

Edimar Botelho Superti

Em 1991, meu querido marido, Gilberto, perdeu a vida num acidente de caminhão em Porto Alegre, Brasil. Sua morte foi um choque. Éramos felizes e saudáveis. Havia bem pouco, tivéramos a alegria de vê-lo batizar-se. O resto da família, Gisele, Pablo e eu, já éramos membros da Igreja havia algum tempo.

Infelizmente, as crianças e eu não nos refizemos depressa da perda sofrida. Os dias transformavam-se em noites, e as noites, em dias; e nada parecia minorar a dor e a sensação de abandono.

Aí descobrimos que não poderíamos receber a indenização do seguro por não termos a documentação necessária. Precisamos vender nossa casa e toda a nossa mobília, porque não tínhamos como pagar as prestações. Três meses mais tarde, conseguimos comprar um pequeno apartamento, mas parecia que nada iria conseguir nos animar.

Passamos três anos muito tristes naquele apartamento. A escola onde eu trabalhava ia ficando mais desagradável a cada dia que passava. As crianças também estavam tendo problemas na escola. Eram perseguidas pelos outros alunos por serem membros da Igreja. Em vez de melhorar, a vida parecia ficar cada vez pior. Começamos a perder a esperança e deixamos de ir à Igreja.

Depois de algum tempo decidimos mudar-nos para outro estado. Achávamos que, mudando-nos para Florianópolis, conseguiríamos deixar nossas tristezas para trás.

Chegamos a Florianópolis com o pouco dinheiro que recebêramos pela venda de nosso apartamento. Mas tudo custava muito caro e logo nos desanimamos. Então, durante a Semana Santa, fomos ver uma casa num lugar chamado Praia Inglesa. Fomos apenas por curiosidade, não esperando gostar muito e, certamente, sem ter idéia das bênçãos que o Pai Celestial nos tinha reservado.

Chegamos à casa e conhecemos o dono, um homem da Argentina que precisava voltar para seu país. Ele estava disposto a vender a casa por qualquer quantia, desde que recebesse o dinheiro imediatamente. Era uma casa ótima, muito grande e muito bonita. Ajoelhamo-nos e agradecemos ao Pai Celestial aquela bênção maravilhosa. Sentimo-nos culpados por nossa falta de fé. Mas a casa era apenas o começo.

Dois meses mais tarde, encontramos os missionários da Igreja na rua e descobrimos onde eram realizadas as reuniões. Logo estávamos freqüentando a Igreja. Os membros preocupavam-se conosco e mostraram-nos que pertencíamos a uma grande família: a família da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Sentíamo-nos mais felizes a cada dia que passava.

Com a chegada da primavera, alguns meses mais tarde, os aluguéis na cidade subiram e ficou muito difícil para o ramo permanecer onde estava. Assim, as reuniões começaram a ser feitas em nossa casa. Abrimos as portas para o ramo, e o ramo abriu o coração para nós.

Quando viemos para Florianópolis havia poucos membros. Agora nossa pequena capela fica repleta. Meus dois filhos foram chamados como missionários de estaca e eu sirvo como organista e professora da Sociedade de Socorro. Nossa família está planejando ir ao Templo de São Paulo a fim de sermos selados.

Hoje eu sei que, mesmo nos momentos mais desesperadores, nossas provações têm um propósito. Compreendemos agora que era necessário irmos para a Praia Inglesa e que os anos de luta ensinaram-me não existir maior felicidade do que fazer a obra do Senhor. Hoje sei que, mesmo meu marido nos tendo sido tirado, o Pai Celestial não nos abandonou. Ele sempre proverá o que nos for necessário. □

À esquerda: **Irmã Superti.** ***Abaixo:*** **Seus dois filhos, Pablo e Gisele.**

OS PRIMEIROS PIONEIROS DA IGREJA ABRIRAM UMA TRILHA DE FÉ

Um Legado

R. Val Johnson

Este ano comemoramos o 150º aniversário da grande trilha dos pioneiros mórmons de 1847. A obra pioneira dos últimos dias, porém, teve início muito antes de 1847. Na verdade, o primeiro pioneiro dos últimos dias foi o Profeta Joseph Smith, que abriu o caminho para a restauração do evangelho de Jesus Cristo ao ajoelhar-se num bosque em 1820, buscando a verdade eterna.

Foram também pioneiros os que acreditaram em seu testemunho de que o Pai e o Filho lhe haviam aparecido. Esses pioneiros estabeleceram os alicerces da Igreja no Estado de Nova York, nos Estados Unidos — e quando as perseguições os expulsaram de lá, estabeleceram novamente a Igreja no Estado de Ohio. Depois no Missouri e, uma vez ainda, em Illinois.

Quando o Profeta Joseph Smith foi assassinado em 1844, o alicerce da Igreja estava bem firme. Contudo, faltava-lhe um lugar permanente, central, para desenvolver-se, longe das perseguições. E assim, quando essas perseguições foram reiniciadas, os santos tornaram a abandonar suas casas, dessa vez partindo numa jornada épica rumo às Montanhas Rochosas.

Nas próximas páginas homenageamos o sucesso dessa jornada que teve início tantos anos antes, num bosque, no Estado de Nova York. As fotos foram tiradas durante a filmagem de *Legacy* (Legado), um filme da Igreja exibido aos visitantes do Edifício Memorial de Joseph Smith em Salt Lake City. Acompanhando as fotos, lemos palavras dos pioneiros que viveram as cenas hoje mostradas no filme. Esperamos que juntos, palavras e fotos, nos façam lembrar do legado que esses pioneiros nos deixaram. E ao reconhecermos nossa dívida para com eles, tomemos a firme decisão de seguirmos seus passos — fazendo, como eles, tudo o que nos for solicitado para ajudar na edificação do reino de Deus em todo o mundo.

QUE PARTIU DE PALMYRA E CHEGOU ÀS MONTANHAS ROCHOSAS

de Fé

Nova York

À *direita*: No filme *Legacy*, a jovem Eliza Williams filia-se à Igreja em 1830, no Estado de Nova York, quando lê um exemplar do Livro de Mórmon que lhe fora dado por Joseph Smith.

Foi em Fayette, Estado de Nova York, que, em 6 de abril de 1830, a Igreja foi organizada. Entre os 56 amigos e crentes reunidos encontrava-se David Lewis, um menino de 11 anos. Mais tarde, David contou: "[Após a reunião], fui para casa e perguntei a minha mãe se ela me deixaria batizar-me na Igreja".

Ela perguntou: "Que igreja?" Quando lhe disse que era A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, respondeu-me: "Sim, David, faça o que desejar, mas o mundo todo está contra eles, inclusive todos os bons ministros".

David replicou: "Gosto do modo de falar de Joseph. Ele prega o batismo pela remissão de pecados, a imposição das mãos para se receber o dom do Espírito Santo e outras coisas".

Apenas 29 dias após a organização da Igreja, David Lewis foi batizado, em seu décimo segundo aniversário, pelo Profeta Joseph Smith. (David Lewis, lembranças ditadas a Andrew Jenson, em 10 de setembro de 1908, LDS Church Archives; citado em *Ensign*, setembro de 1978, p. 26.)

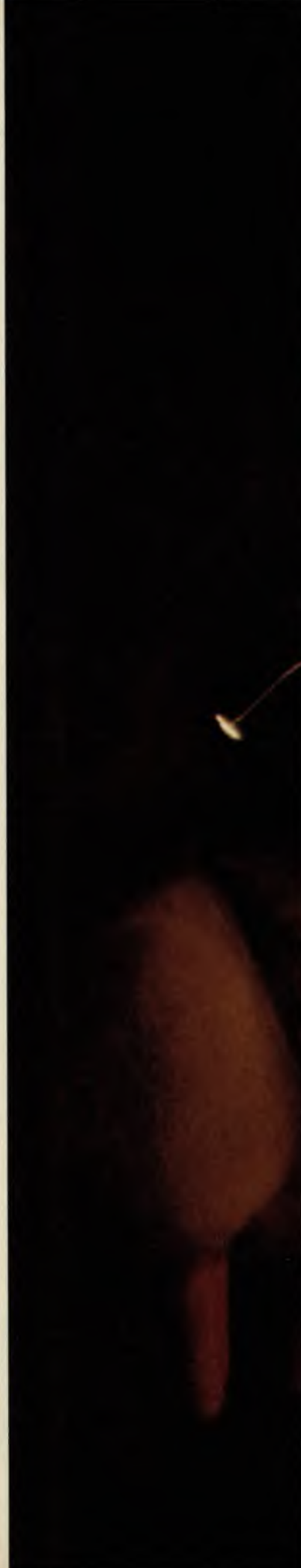
Ohio

No filme, Eliza e a família vão embora de Nova York quando as perseguições intensas levam a Igreja recém-organizada a partir para o oeste. Eliza conhece um recém-converso das Ilhas Britânicas e casa-se com ele.

Para os santos que estavam deixando Nova York, o primeiro refúgio foi Kirtland, no Estado de Ohio. Quando lá chegaram, havia muita gente pronta para receber o evangelho restaurado.

Entre as pessoas que estavam preparadas, encontravam-se Newel K. Whitney e a mulher, Elizabeth Ann. Os dois abraçaram o evangelho em 1830, depois que os missionários levaram o Livro de Mórmon a sua casa. Durante as duas décadas seguintes, o casal Whitney mudou-se com os santos de Kirtland para o Missouri e depois para Illinois, sacrificando seu tempo, talentos, relações familiares e uma boa situação econômica a fim de ajudar na edificação da Igreja.

Ativo na liderança da Igreja, Newel ficava muitas vezes longe de Elizabeth Ann. "Durante todas aquelas ausências e separações de meu marido", escreveu ela, "nunca tive vontade de me queixar. (. . .) Sentia-me muito feliz por ele colocar tudo que tinha, tempo, talentos e aptidões, a serviço do Reino de Deus; e a mudança de nossa situação e de nossos amigos, resultante do fato de termos abraçado o evangelho, nunca me causou qualquer tristeza." ["A Leaf from an Autobiography" (Folha de uma Autobiografia), *Woman's Exponent*, 1º de outubro de 1878, p. 71.]



Missouri

Uma revelação dada ao Profeta Joseph Smith levou grupos de santos dos últimos dias para Missouri a fim de estabelecer os alicerces de Sião. Não demorou muito, entretanto, para que as turbas começassem a persegui-los. Nas cenas de *Legacy*, famílias chegam a Missouri (1); logo a multidão enfurecida cobre alguns santos de piche e penas (2), ataca a tipografia (3), investe contra a colônia de Haun's Mill (4) e, finalmente, força os santos a irem embora (5).

James e Drusilla Hendricks chegaram a Missouri em 1836. Em 1838, James ficou paralítico devido a um tiro. Durante os anos seguintes, Drusilla cuidou dele, manteve as turbas afastadas e fez o que pôde para conservar a família viva.

Chegou o dia em que sua comida acabou. Então "iniciou-se um conflito dentro de mim", escreveu Drusilla. Lembrando-se de que os pais lhe haviam dito que seu marido seria morto, ela começou a se perguntar: "Você não está arrependida de não lhes ter dado ouvidos?" Respondendo à própria pergunta, ela replicou: "Não, não estou. Fiz o que era certo. Se eu morrer, morrerei feliz por ter sido batizada pela remissão de meus pecados, pois tenho a compensação de uma consciência limpa". Então ouviu uma vozinha que dizia: "'Fique firme, porque o Senhor proverá'. Respondi que ficaria, pois confiava Nele e não reclamaria".

James sobreviveu, embora tivesse ficado inválido, e a família conseguiu chegar a Utah, unida em fé e esperança. [Em Kenneth W. Godfrey e outros, *Women's Voices: An Untold History of the Latter-day Saints* (Vozes de Mulheres: Uma História dos Santos dos Últimos Dias Não Contada) (1982), p. 96.]

Illinois

Em seguida os santos reuniram-se em Nauvoo, uma cidade que eles construíram numa área aterrada de um pântano de Illinois. As pessoas chegavam para buscar refúgio **(1)** e ajudar a construir o novo templo **(2, 3)**.

Um dos grupos de santos dos últimos dias que chegou a Nauvoo era guiado por uma mulher negra que abraçara o evangelho em Connecticut e compartilhara-o com seus parentes. Quando os santos daquela área preparavam-se para abandonar Nauvoo, em 1843, Jane Manning e oito membros de sua família juntaram-se a eles. Infelizmente, quando o grupo embarcou em Buffalo, Nova York, as autoridades barraram o embarque da família Manning. Em vez de dar meia-volta, o grupo começou a caminhar em direção a Nauvoo, que ficava a 1.300 quilômetros de distância. Era outubro, e o tempo estava esfriando.

"Andamos até nossos sapatos se gastarem", disse Jane, "e nossos pés ficarem feridos e começarem a sangrar, deixando marcas na terra. Paramos e oramos ao Senhor. Pedimos a Deus, o Pai Eterno, que curasse nossos pés, e a oração foi atendida."

O grupo chegou a Nauvoo no fim do ano, e o Profeta recebeu seus componentes com alegria. "Vocês estão entre amigos agora", disse-lhes, "e serão protegidos." "Não precisa chorar", disse a Jane, especificamente, "aqui nós secamos todas as lágrimas." ("Biography of Jane E. Manning James", LDS Church Archives, pp. 2, 3–4.)

Depois da morte do Profeta, os santos abandonaram suas confortáveis casas de Nauvoo, cruzaram o Rio Mississipi **(4)** e viajaram 600 quilômetros, rumo ao Estado de Iowa, onde acamparam para passar o inverno.

1

2

RUMO AO OESTE: O mapa desta página, mostrando os Estados Unidos da América em 1847, destaca a migração rumo ao oeste dos santos dos últimos dias. Para alguns, a jornada começou no Estado de Nova York, onde a Igreja foi organizada em 1830. Outros uniram-se a eles ao longo do caminho. Para muitos conversos, a jornada teve início na Europa. As fotografias do filme *Legacy* representam a trilha épica seguida pelos santos. No filme, Eliza, já avó e morando em Salt Lake City na década de 1890, incentiva o neto a manter vivo o legado de fé dos pioneiros.

TERRITÓRIO DOS ÍNDIOS

IOWA

New Hope
(Nova Esperança)

Salt Lake City

Winter Quarters

Independence

MISSOUR

MÉXICO

Los Angeles

O Batalhão Mórmon

Em 1846, quando os santos se preparavam para partir de seu acampamento em Iowa, rumando para o oeste, ficaram sabendo que o governo dos Estados Unidos queria um contingente de 500 membros da Igreja para lutar na guerra contra o México. Muitos rejeitaram a idéia, pois o governo nada fizera para ajudar os santos em suas dificuldades. Contudo, Brigham Young e outros líderes acharam que os santos poderiam provar sua lealdade atendendo ao chamado — e, assim fazendo, ajudar a financiar o êxodo. O soldo recebido ajudaria a mudança dos santos para as Montanhas Rochosas.

Alguns membros do "Batalhão Mórmon" não acharam fácil deixar seus entes queridos sozinhos, numa situação difícil. William Hyde escreveu: "O que senti ao deixar minha família naquele período crítico foi indescritível. Estavam longe de sua terra natal, morando numa planície solitária, tendo como casa apenas um carroção, com o sol escaldante sobre eles e a probabilidade de os ventos

A Viagem por Mar

frios de dezembro encontrarem-nos no mesmo árido e sombrio local. (. . .) A maioria dos integrantes do batalhão deixou família. (. . .) Quando iríamos rever nossos familiares, só Deus sabia. Entretanto, não reclamávamos". [Em William E. Berrett e Alma P. Burton, *Readings in LDS Church History: From Original Manuscripts*, (Textos da História da Igreja SUD: De Manuscritos Originais) 3 vols. (1965), 2:221.)

A marcha de 3.300 quilômetros para San Diego e Los Angeles, naquela época localizadas em território mexicano, foi a mais longa da história militar dos Estados Unidos.

À esquerda: No filme, Eliza Williams Walker vê o marido, David, partir com o Batalhão Mórmon.

Enquanto a maioria dos pioneiros participou do êxodo em direção ao oeste viajando por terra, alguns seguiram por mar. Em 1846, um grupo embarcou no navio *Brooklyn* que, partindo de Nova York, contornou a América do Sul, seguindo para a costa oeste, que era então o norte do México. A viagem levou seis meses e cobriu mais de 27.000 quilômetros. Parte do grupo permaneceu lá e fundou uma colônia chamada New Hope (Nova Esperança). Outros foram para Salt Lake City.

A viagem por mar era a única opção dos conversos europeus que atenderam ao chamado para reunirem-se aos santos nos Estados Unidos. Jane Rio Griffiths Baker revelou algo a respeito da vida no navio quando emigrou da Inglaterra:

"Às vezes as pessoas dotadas de talento musical se reúnem e cantam alguma coisa, às vezes (nós) tagarelamos e, assim, (. . .) passam-se os dias. Quando o tempo está ruim, ficamos ocupados tentando manter-nos de pé e rimos dos que não conseguem se equilibrar como nós."

Os dias alegres, entretanto, eram contrabalançados por dias difíceis. Jane lembra da dor que sentiu com a morte de um de seus filhos. "Não achei que a morte dele estivesse tão próxima, embora, ao ver seu sofrimento, tivesse pedido ao Senhor que o levasse. Ele atendeu-me, e meu filho tão amado está agora no mundo dos espíritos, esperando pela manhã da ressurreição." (Diário, LDS Church Archives, pp. 3–4, 5; grafia e pontuação atualizadas.)

Êxodo para as Montanhas Rochosas

Talvez o evento que melhor simbolize a fé dos pioneiros seja o seu êxodo de Nauvoo rumo ao oeste, através de 20.000 quilômetros de planícies áridas. "Não esperem que

eu descreva nossa estrada", escreveu Jane Rio Griffiths Baker. "É uma sucessão perfeita de colinas, vales, pântanos, poças de lama, pontes de madeira, atoleiros com tocos de árvore trinta centímetros acima da (. . .) lama, de modo que, se não tomarmos o maior cuidado, os carrocções viram dez vezes por dia. Oh! As estradas da velha Inglaterra! Cada dia espero que as condições de viagem melhorem no dia seguinte, mas, até agora, as mudanças sempre foram para pior." (Diário, LDS Church Archives, p. 22, grafia e pontuação atualizadas.)

De Iowa (*esquerda*) a Winter Quarters (*extrema esquerda*), e através das planícies (*acima*), a estrada era, na maior parte, aberta por eles mesmos.

Apesar de todos os obstáculos, os pioneiros perseveraram. E porque eles perseveraram, a Igreja perseverou. Do vale do Grande Lago Salgado, grupos de pioneiros colonizaram outras partes do oeste americano, e os missionários estabeleceram posições seguras para a Igreja em terras tão diferentes quanto as ilhas do Pacífico, a Grã-Bretanha, a Europa, as Américas Central e do Sul, o Oriente Médio, a Ásia e a África.

Hoje, o legado de fé que aqueles pioneiros nos deixaram continua a passar de geração a geração, de pioneiro a pioneiro. É como o Profeta Joseph Smith disse que seria: "Não há mão ímpia que possa obstar o progresso da obra; perseguições poderão campear, turbas se reunir, exércitos se congregar, a calúnia difamar, mas a verdade de Deus seguirá avante com destemor, nobreza e independência, até ter penetrado todo continente, visitado cada clima, varrido cada país e soado em todo ouvido, até que os propósitos de Deus sejam atingidos e o Grande Jeová diga que a obra está concluída". (*History of the Church*, 4:540)

NÃO TEM
COMPARTILHE A

Marisa Whittaker Humphrey

A maioria de nós não passa a vida como missionário de tempo integral, da mesma forma que Amon e seus irmãos. E provavelmente não ensinaremos o evangelho a um rei. (Ver Alma 17–23.)

Porém não é preciso muito tempo e esforço para falar sobre o evangelho a outras pessoas. Eis algumas idéias que você pode usar para tratar sua família e seus amigos como realeza, dando-lhes o maior de todos os tesouros — o evangelho de Jesus Cristo.

Use de simplicidade

■ Leia as escrituras e aprenda tudo o que puder na igreja e no seminário. Para poder compartilhar o evangelho, você precisa conhecer seus pontos básicos.

■ Faça uma lista das bênçãos que recebe por ter o evangelho em sua vida e use-a para comprometer-se cada vez mais com a obra missionária.

■ Convide seus amigos que não sejam membros para assistirem às atividades da Igreja, expondo-os à influência positiva de um ambiente saudável e divertido.

■ Mostre entusiasmo pelo evangelho. Torne esse entusiasmo evidente em tudo que fizer, e as outras pessoas sentirão o mesmo entusiasmo.

Seja generoso

■ Seja um bom amigo. Demonstre interesse pelo que as pessoas fazem, desejem elas ou não aprender mais a respeito da Igreja.

■ Quando os amigos fizerem perguntas sobre a Igreja, convide-os para o seminário ou para as reuniões igreja, ou leia com eles as escrituras.

■ Ajude as pessoas. Prestar serviço é uma excelente maneira de compartilhar o evangelho por meio de exemplo. Lembre-se, porém, de que o serviço deve ser motivado pelo amor e prestado independentemente de a

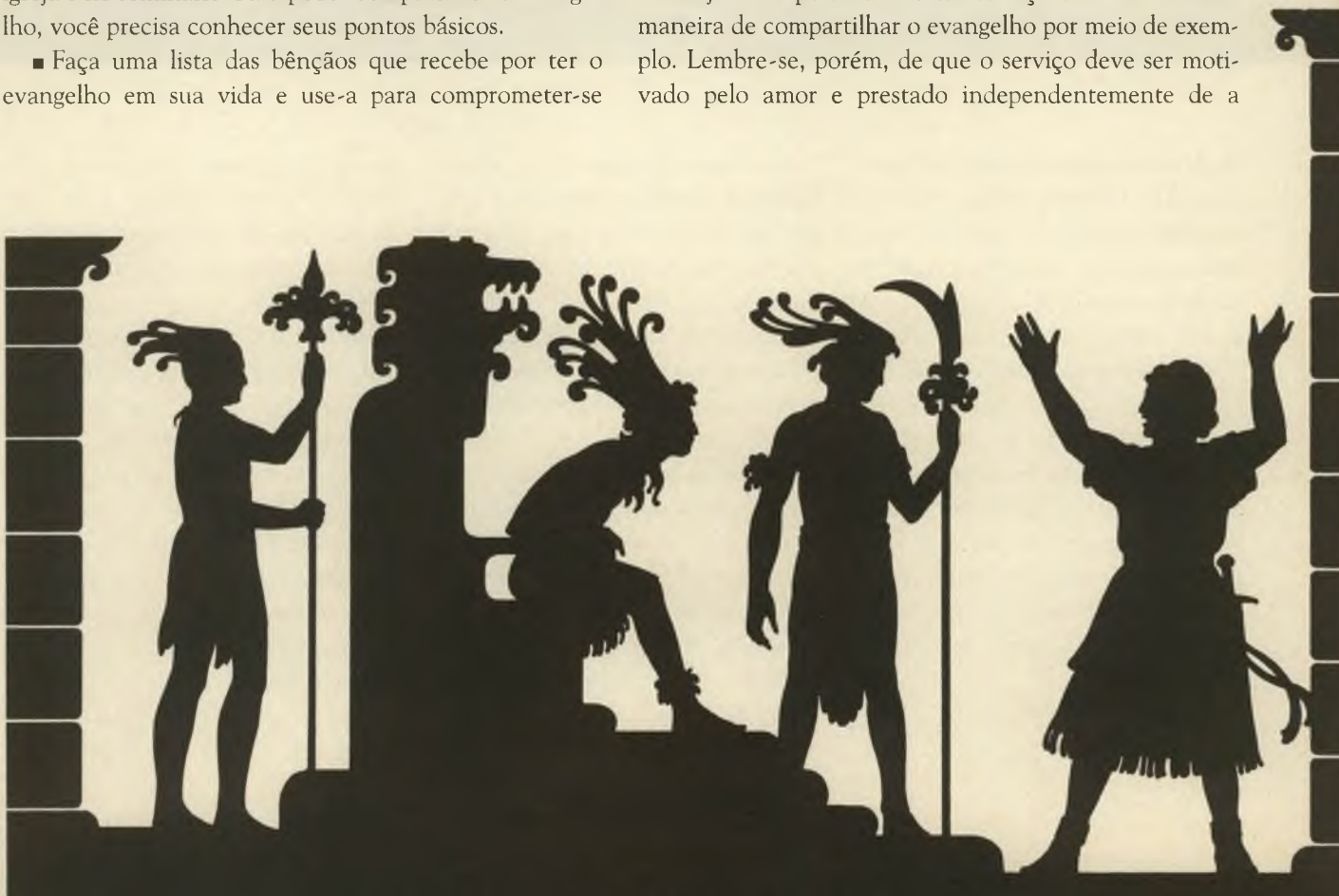


ILUSTRAÇÃO DE PRESTON HEGELT

SEGREDO
S BOAS NOVAS!

pessoa estar ou não interessada na Igreja.

■ Eleve as pessoas com sua atitude positiva. Se os seus amigos perceberem que pequenas coisas não o desanimam, ficarão impressionados. Talvez até lhe perguntem por que você está sempre feliz. Que resposta fácil de dar!

Faça sempre o melhor

■ Seja um bom exemplo. Você pode ser missionário "em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares" (Mosias 18:9), tentando viver da forma que Jesus deseja que viva. Lembre-se de que talvez você seja a única escritura que seus amigos jamais "lerão".

■ Abra portas com o Livro de Mórmon. Escreva seu testemunho na capa, assinale Morôni 10:3–5 e dê o livro a alguém especial.

■ Inclua os amigos nas atividades realizadas em seu lar. Convide-os para a noite familiar.

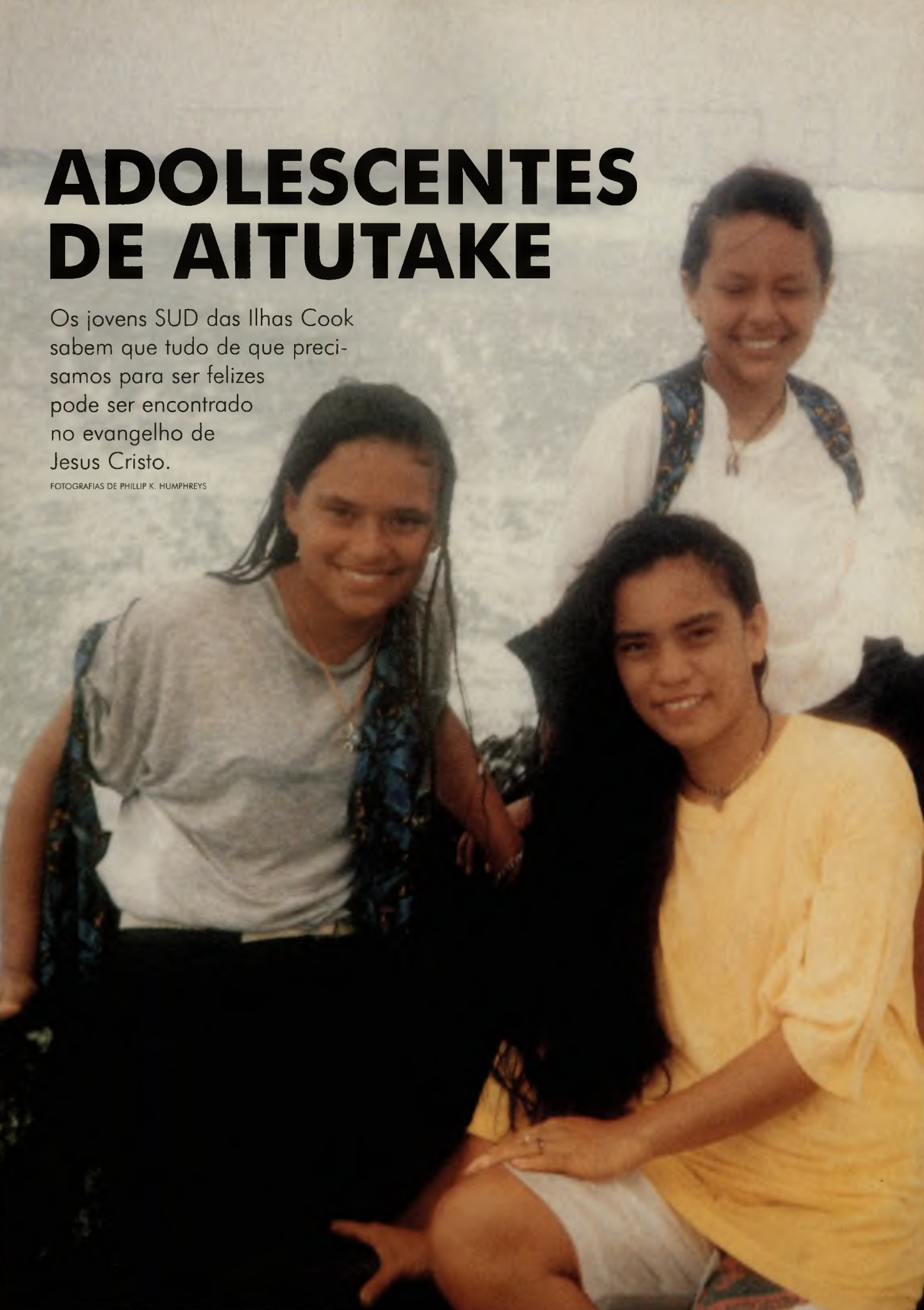
■ Faça algo de bom para alguém. As pessoas ficam impressionadas com quem é sincero e altruísta.

Seja corajoso!

■ Continue a amar seus amigos e a confraternizar-se com eles. Você não perderá sua amizade. Na verdade, eles o respeitarão por falar sobre o que é importante para você.

■ Planeje um serão missionário. Peça a seus amigos e familiares que convidem uma pessoa que não seja membro da Igreja e solicite a presença de missionários de tempo integral. A seguir, dê-lhes um exemplar do Livro de Mórmon e marque uma visita dos missionários.

■ Fale! O Senhor nos diz, em Doutrina e Convênios 33:8: "Abri as vossas bocas e elas se encherão, e vos tornareis como Néfi de outrora". Nada acontecerá se você ficar de boca fechada. Quando falar, o Senhor o ajudará a saber o que dizer. □



ADOLESCENTES DE AITUTAKE

Os jovens SUD das Ilhas Cook sabem que tudo de que precisamos para ser felizes pode ser encontrado no evangelho de Jesus Cristo.

FOTOGRAFIAS DE PHILLIP K. HUMPHREYS

Marjorie Humphreys e Jeanette Waite Bennett

Muitos jovens passam a tarde de sábado procurando algo divertido para fazer, algo além das tarefas domésticas ou escolares. Mas como seria viver numa pequena ilha? Isso não limitaria as possibilidades?

Os jovens da pequena ilha de Aitutaki, pertencente às ilhas Cook no Pacífico Sul, não acham que sua vida seja limitada. Eles descobriram como se manter ocupados e felizes numa ilha que não tem qualquer comércio.

É, é isso mesmo que você leu — nenhum comércio. Eles não têm "shopping centers", não têm cinemas e têm pouquíssimos carros.

Os jovens, porém, não estão reclamando. Eles simplesmente dependem uns dos outros e da Igreja para a maioria de suas atividades, muitas das quais estão ligadas a esportes ou à área cultural.

"A melhor coisa a respeito de se morar numa ilha pequena e isolada é que não se enfrentam problemas de drogas, violência ou gangues", diz College Mitiauu, de dezessete anos.

Mas ainda existe pressão por parte dos amigos, não é verdade?

"O que é isso?" perguntam em coro os 20 rapazes e moças. Mas eles sofrem um certo tipo de pressão: os jovens ajudam-se mutuamente a permanecerem ativos na Igreja, embora sejam uma minoria na ilha. Seu pequeno ramo tem cerca de 90 membros, enquanto a ilha abriga 2.500 habitantes.

Há cerca de 20 jovens matriculados no seminário, e o programa é um sucesso — quase todos têm cem por cento de freqüência. Nem sempre é fácil levantar cedo, mas eles sabem que os outros sentirão sua falta caso não apareçam.

O seminário não só aumenta a força espiritual desses jovens, mas também os ajuda na escola. "O seminário faz-me desejar ter boas notas e motiva-me a fazer o possível para consegui-las", diz Elizabeth Parai, que dividiu as honras de primeira aluna da escola com Jamie Rajek em 1994.

Como Elizabeth, Terry Glassie descobriu que os valores do evangelho não afetam apenas o lado espiritual da vida. Ele conquistou um prêmio escolar que é dado nas Ilhas Cook e mudou-se para a Nova Zelândia para estudar engenharia. "A Igreja ajudou-me a dar uma direção a minha vida", diz Terry.

Existe, porém, uma desvantagem que todos os jovens SUD estão tentando superar. "O aspecto difícil da vida aqui é estar isolado dos recursos da Igreja", diz College.

As Ilhas Cook têm um forte legado. Os primeiros colonizadores eram polinésios que lá chegaram no ano 800 d.C. As ilhas foram declaradas protetorado britânico em 1888 e passaram para o controle da Nova Zelândia em 1891. Em 1965, conquistaram sua independência mas ainda mantiveram seus direitos de cidadania da Nova Zelândia.

Os primeiros missionários chegaram às Ilhas Cook em 1950 e logo organizaram o ramo que ainda existe hoje. Embora a obra missionária seja lenta, os membros dão bons exemplos a seus vizinhos e são particularmente conhecidos por sua disposição para trabalhar.

As famílias plantam sua próprio horta e todos os familiares participam do trabalho. A alimentação inclui fruta-pão, batata-doce, cará, mamão, manga, coco e muitas hortaliças.

Quando lhe perguntamos qual era sua comida predileta, Angeline Mitiau respondeu: "Hambúrguer e batata frita". Todo mundo sorriu, porque eles raramente vêem qualquer comida desse tipo na ilha. Alguns deles passam meses sem comer hambúrguer ou cachorro quente.

Embora não tenham muitas das opções de laser às quais alguns rapazes e moças estão acostumados, os jovens da Ilha Aitutake sentem-se perfeitamente satisfeitos. Eles têm o evangelho, e até conseguem divertir-se no sábado à tarde. □

"Um Encontro Muito Alegre"

Juan Aldo Leone

Há quinze anos, eu, como Alma e os filhos de Mosias, tive "um encontro muito alegre". (Alma 27:16) Eu viajara de minha casa, na Argentina, para Salt Lake City a fim de assistir à conferência geral e realizar ordenanças do templo em favor de parentes falecidos. Para minha surpresa, nos corredores do Templo de Salt Lake, encontrei o irmão Evans Jones, o missionário que me batizara quarenta anos antes. Apesar do longo tempo, reconhecemos um o outro com muita alegria.

A última vez que nos encontráramos fora em 1942, quando eu tinha 12 anos de idade e morava em Córdoba, Argentina. No dia 5 de fevereiro daquele ano, um pequeno grupo de pessoas reuniu-se num canal de irrigação para o meu batismo. Ainda me lembro da sensação que tive ao entrar na água e sentir o fundo lodoso sob os pés. Eu andava cuidadosamente, sabendo que participava de algo muito importante. Podia ouvir meu coração batendo dentro do peito ao fazer promessas sagradas ao Senhor.

Desde aquela época, tenho tido o privilégio de ver a obra do Senhor crescer na Argentina, com milhares de pessoas entrando nas águas do batismo. Naqueles primeiros tempos, considerávamos que dez pessoas em reuniões da igreja era uma boa freqüência. Hoje existem na Argentina dez missões e quarenta e seis estacas, além de sermos abençoados com um templo em Buenos Aires.

Cinqüenta e dois anos após meu batismo, meu cargo de conselheiro na Missão Córdoba Argentina levou-me de volta àquele canal. Observei que as velhas águas ainda correm, dando vida às plantações da região, assim como meu batismo deu nova vida a mim, a minha família e a minha posteridade. Obrigado, Élder Jones, e obrigado a todos os que compartilham o precioso tesouro do evangelho restaurado. □

FOTOGRAFIAS CORTESIA DO AUTOR

***A Primeira Visão*, de Del Parson**

Na primavera de 1820, Deus, o Pai, e Jesus Cristo apareceram ao jovem Joseph Smith num bosque. "Quando a luz repousou sobre mim", disse Joseph, "vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar. Um Deles falou-me, chamando-me pelo nome e disse, apontando para o outro: *Este é o Meu Filho Amado. Ouve-o.*" (Joseph Smith–History 2:17)

Quando os santos foram expulsos de Nauvoo, Louisa Barnes Pratt teve de enfrentar sozinha a mudança para as Montanhas Rochosas. Seu marido fora enviado como missionário para o Pacífico Sul. Ao pensar por que "os que haviam mandado meu marido para os confins da Terra não me haviam perguntado se eu conseguiria preparar-me para uma jornada tão perigosa", foi-lhe dito que ela era considerada capaz de ir sozinha e até mesmo de ajudar os outros. "O comentário despertou em mim o espírito de independência", escreveu ela. Em pouco tempo, tinha uma parelha e um carroção e saiu da cidade sentindo-se "relativamente feliz". Era essa — e ainda é — a coragem e a fé dos pioneiros mórmons. (Ver "Um Legado de Fé", p. 32.)

97982059